



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

GEFERSON DE ASSIS GONÇALVES

**BRINCADEIRAS LIVRES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE  
PENSAM AS PROFESSORAS E AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA  
MUNICIPAL NA ZONA RURAL DE CAJAZEIRAS/PB**

CAJAZEIRAS-PB

2018

**GEFERSON DE ASSIS GONÇALVES**

**BRINCADEIRAS LIVRES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE  
PENSAM AS PROFESSORAS E AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA  
MUNICIPAL NA ZONA RURAL DE CAJAZEIRAS/PB**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* de Cajazeiras/PB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Luisa de Marillac Ramos Soares

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

G635b Gonçalves, Geferson de Assis.

Brincadeiras livres na educação infantil: o que pensam as professoras e as crianças de uma escola municipal na zona rural de Cajazeiras/PB / Geferson de Assis Gonçalves. - Cajazeiras, 2018.

75f. : il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luisa de Marillac Ramos Soares.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Educação infantil. 2. Brincadeiras livres. 3. Educação infantil- zona rural. 4. Prática de ensino. I. Soares, Luisa de Marillac Ramos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

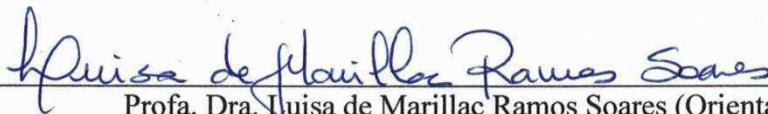
GEFERSON DE ASSIS GONÇALVES

**BRINCADEIRAS LIVRES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE  
PENSAM AS PROFESSORAS E AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA  
MUNICIPAL NA ZONA RURAL DE CAJAZEIRAS/PB**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* de Cajazeiras/PB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em 11/12/2018

**BANCA EXAMINADORA**



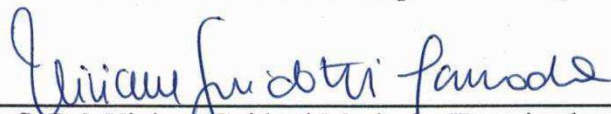
---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Luisa de Marillac Ramos Soares (Orientadora)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aparecida Carneiro Pires (Examinadora Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Viviane Guidotti Machado (Examinadora Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Novikoff (Examinadora Suplente)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

*A minha querida vizinha.  
Otacilia Maria de Assis, in memoriam.  
Mais conhecida como Dona Cabloca,  
Mulher que passou seus últimos anos de vida em uma cadeira de rodas,  
Mas por anos foi uma brilhante professora, a pessoa que me gerou inspiração,  
E sempre me dizia “estude meu filho, estude muito pra ser alguém na vida”.  
Saudades eternas minha querida vizinha.*

**Dedico!**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter e proporcionado muita coragem, paciência, determinação, força e fé nesta vida acadêmica, não foi nada fácil, cada dia foi um enorme desafio, cada dia uma batalha a ser vencida, nessa guerra que em parte está ganha e precisa ser mantida a conquista. Eu que por tantas vezes pensei em desistir, por inúmeros fatores, hoje estou com uma parte da vida concluída;

À minha orientadora Luisa de Marillac Ramos Soares, por toda paciência que teve comigo e principalmente por entender minhas limitações, e em momento algum pensou em me abandonar, finalizo com um sentimento eterno de gratidão;

Aos entrevistados, pela prontidão e acolhimento em participar da pesquisa.

As professoras Cristina Novikoff, Viviane Guidotti e Aparecida Carneiro, pela gentileza de aceitar o convite para compor a banca de defesa desse trabalho contribuindo imensamente com o mesmo;

À minha família que tanto me ajudou, me incentivando a todo instante com palavras de perseverança;

À minha mãe Tânia Maria, por todo amor e cuidado dedicado, pela força que sempre me deu, sempre tirando de onde não tinha para poder me ajudar nos estudos, foi e é uma mulher guerreira;

À minha vizinha, Otacília Maria (Cabocla), (*in memoriam*), esteja onde estiver sempre pensei e sempre vou pensar na senhora;

Ao meu pai Genival, mesmo sendo um homem que não teve muitas oportunidades na vida, ele sempre fez de tudo pelo meu bem estar me dando um bom estudo e boa educação;

À minha irmã Gerislânia ou como ela gosta de ser chamada Laninha, por sempre me ajudar, sempre me incentivar a não desistir. E principalmente por ter me dado uma sobrinha linda e maravilhosa que eu amo muito, minha pequena Isis.

Ao meu avô, José Romão, que sempre me ajudou financeiramente nos momentos mais difíceis que passei;

Ao meu amor, Bruno Rafael, que apareceu na minha vida em um momento inesperado, vindo de longe, conseguiu conquistar meu coração. Mesmo tendo errado muito com ele, em momento algum me abandonou, esteve sempre presente;

À Edneide, mãe do Bruno, que sempre esteve presente, dando dicas de como viver;

Ao meu cunhado Leandro, pelo apoio nos momentos de necessidade;

À minha tia Lucia que mesmo longe sempre me apoiou com muito amor e carinho;

Ao meu tio Assis, que também de longe nunca deixou de mandar mensagens de inventivo;

A todos os professores com quem tive a honra de aprender, desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental e Médio e até aonde cheguei hoje, uma graduação superior e em uma instituição pública;

Em especial a professora Iveralda que me fez pensar sobre o TCC no momento certo, a professora Rejane que fez um trabalho excelente e me auxiliou muito no projeto de pesquisa, ao professor Rômulo que me “pressionou” a não desistir do que eu queria trabalhar, a professora Belijane, que no início de tudo me fez perceber que a Pedagogia era minha área de atuação e a professora Kássia que ajudou muito nas dúvidas sobre o TCC e suas formatações;

A minha dupla de cinco, Clênia Valéria, uma verdadeira guerreira que superou tudo para me ajudar e chegar aonde cheguei; a Eridiany, a baixinha/grande que eu já conheci, sempre ajudando e sendo gentil; a Francineide uma mulher de fibra e com a verdade sempre na ponta da língua e a Jaquelyne uma verdadeira batalhadora que mesmo morando longe não pensou e nem mediu esforços para chegar aonde chegou;

A minha turma 2013.2, passamos por bons e péssimos momentos, desde risadas a lágrimas, onde alguns discutiram entre si, mas no fim sempre dávamos as mãos para uma causa maior;

À minha amiga Ana Beatriz, que sempre esteve ao meu lado, me dando bons conselhos;

Aos meus amigos de vida, Wellington, Crislânio, Jeferson, Dudu, Thannya, Mainny e Kaline, que sempre me incentivaram a nunca desistir;

Ao irmão que a vida me deu, Iarlei e sua mulher Pollyane, por estar mandando sempre energias positivas, mesmo morando longe;

As amigas Paloma e Grayce, por estarem presentes em momentos de risada;

À Francisco Dantas e Arruda por terem me acolhido na Banda do Tiro de Guerra 07/011, onde tive momentos de alegria;

À minha prima Jacinta por ter me apoiado em momentos difíceis;

A escola José Martins de Oliveira e toda comunidade circunvizinha que me acolheu em 2013, mas infelizmente não faço mais parte da mesma;

À diretora da época Jane Cleide, por toda ajuda;

Às vice-diretoras da época, Ana Cristina, Carmen Lucia e Cristina Dias;

À secretária da escola Patrícia, que se mostrou uma grande amiga para toda a vida;

À professora Vanessa, que foi uma das minhas mentoras no tempo que passei na escola;

A todos meus alunos da Fanfarra José Martins de Oliveira, como sempre disse, nunca tive alunos, sempre tive filhos que me amam muito;

Aos meus filhos de quatro patas, que nos momentos de tristeza me alegravam muito com suas lambidas, Fofinha (mãe), Cristal (filha), Popeye (filho), Mel (filha adotiva) e Meninão/Bob (namorado de Cristal);

A todas as pessoas próximas e distantes, que torceram por mim e contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.



“Quando uma criança brinca, joga e finge, está criando um outro mundo, mais rico e mais belo e muito mais repleto de possibilidades e invenções do que o mundo onde de fato vive.”  
(Marilena Chauí)

## RESUMO

Este estudo trata sobre o que pensam as professoras e crianças da Educação Infantil de uma escola municipal da zona rural da cidade de Cajazeiras – PB, a respeito da brincadeira livre. O objetivo da pesquisa foi compreender e analisar a concepção das professoras sobre o brincar livre das crianças na Educação Infantil e mais especificamente, investigar como as professoras planejam e desenvolvem as práticas relacionadas ao brincar no seu cotidiano; verificar como se dá a orientação sobre a inserção de brincadeiras livres no planejamento das professoras e reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante nas projeções das crianças. Para fundamentar esse estudo foram utilizados como suporte teórico os seguintes autores: Bettelheim (1980), Borba (2006), Brougère (2010), Fortuna (2011), Friedmann (2012; 1996), Iavelberg (2013), Kishimoto (2007), Lima (2013), Lobo (2013), Louro (2002; 2000; 1997), Moyles (2006), Piaget (2001), Silva et al. (2016), Visca (2010) e Vygotsky (1991) além de documentos legislatórios como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) - (BRASIL, 2009), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - (BRASIL, 1996), e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - (BRASIL, 1990). Participaram da pesquisa a Gestora da escola, a Coordenadora Pedagógica, 02 professoras da Educação Infantil, e 09 crianças. O procedimento metodológico utilizado foi uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Como instrumentos, utilizamos um questionário sociodemográfico, uma entrevista semiestruturada, com os adultos e o Teste do Par Educativo (TPE) com as crianças. A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo de Bauer (2002). Através do TPE tivemos a oportunidade de perceber que as crianças são possuidoras de grande imaginação e transformam vivências, sejam sozinhas, em casa com a família ou na escola, em brincadeiras livres. Das falas das professoras inferimos que, para elas, a brincadeira livre promove a criatividade, espontaneidade e interação entre as crianças; oportuniza trazer seu universo familiar e social para a brincadeira; contribui com a construção da sua identidade e da sua expressividade, todavia, não indica que, na brincadeira livre, dispense a observação da professora, o que implica num investimento maior deste profissional, para a apreensão da singularidade infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, Brincadeiras livres, Professoras, Crianças, Zona Rural.

## ABSTRACT

This study deals with the perception of teachers and children regarding the free play in Early Childhood Education of a municipal school in the rural Cajazeiras, state of Paraíba. The research's objective was to understand and analyze the teachers' conception about the free play of children in Early Childhood Education and more specifically, to investigate how teachers plan and develop practices related to playing in their daily life; to verify how the guidance on the insertion of free games in the teachers' planning is rendered and to recognize the play in the learner / teacher relation in the projections of the children. In order to base this study, the following authors were used as theoretical support: Bettelheim (1980), Borba (2006), Brougère (2010), Fortuna (2011), Friedmann (2012, 1996), Iavelberg (2013), Kishimoto (2007), Lima (2013), Lobo (2013), Louro (2002, 2000, 1997), Moyles (2006), Piaget (2001), Silva (2016), Visca (2010) and Vygotsky (1991) along with national documents such as the Diretrizes Curriculares e Bases da Educação Infantil (DCNEI) - (BRAZIL, 2009), the Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - (BRASIL, 1996), and the Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - ( BRAZIL, 1990). The research had the participation of the School Principal, the Pedagogical Coordinator, two teachers of Early Childhood Education, and nine children. The methodological procedure used was a field survey with a qualitative approach. As instruments, we used a sociodemographic questionnaire, a semi-structured interview with the adults and the Educational Pair Test (EPT) with the children. The analysis of the data was performed through the Bauer (2002) content analysis method. Through EPT we had the opportunity to realize that children are possessed of great imagination and that they transform experiences, whether alone, at home with the family or at school, during free play. From the teachers' statements we infer that, for them, free play promotes creativity, spontaneity, and interaction among children; it also allows the insertion of family and social universe into the play; besides contributing to the construction of their identity and their expressiveness, however, it does not indicate that, in free play, the teacher's observation is dismissed, for, on the contrary, it implies a greater investment of this professional, for the apprehension of the infantile singularity.

**Keywords:** Early Childhood Education, Free Play, Teachers, Children, Rural Area.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – TPE: Desenho realizado por Ágata, 6 anos .....	42
Figura 02 – TPE: Desenho realizado por Ísis, 5 anos .....	43
Figura 03 – TPE: Desenho realizado por Raquel, 6 anos.....	45
Figura 04 – TPE: Desenho realizado por Marina, 5 anos.....	47
Figura 05 – TPE: Desenho realizado por Joice, 5 anos.....	48
Figura 06 – TPE: Desenho realizado por Mônica, 5 anos.....	50
Figura 07 – TPE: Desenho realizado por Pedro, 5 anos.....	51
Figura 08 – TPE: Desenho realizado por Valmir, 5 anos.....	53
Figura 09 – TPE: Desenho realizado por Jacinta, 5 anos.....	54

## **LISTA DE SIGLAS**

**DCNEI** – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

**ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TPE** – Teste do Par Educativo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 A BRINCADEIRA E A CRIANÇA</b> .....	19
2.1 A importância da brincadeira na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança.....	19
2.2 O brincar livre .....	21
2.3 O brincar direcionado .....	23
2.4 Diversas maneiras de brincar na zona rural .....	25
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS</b> ...	27
3.1 Tipo de pesquisa .....	27
3.2 Instrumentos de coleta de dados .....	28
3.3 Termo de consentimento livre e esclarecido.....	29
3.4 Técnicas de análise de dados .....	29
3.5 Perfil sociodemográfico dos participantes .....	30
3.6 Os sujeitos e a unidade pesquisada .....	31
3.7 Perfil da escola pesquisada .....	31
3.8 Professoras e Coordenadora: A brincadeira – Entrevista.....	32
3.9 Teste do Par Educativo - TPE.....	39
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58
<b>APÊNDICES</b> .....	61
APÊNDICE A – TCLE DOS PARTICIPANTES .....	62
APÊNDICE B – TCLE DOS PAIS.....	63
APÊNDICE C – TCLE DAS CRIANÇAS .....	64
APÊNDICE D – QUESTIONARIO A DIRETORA .....	65
APÊNDICE E – ENTREVISTA AS PROFESSORAS E A COORDENADORA .....	66
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRAFICO.....	67
APÊNDICE G – TESTE DO PAR EDUCATIVO (TPE) .....	68
APÊNDICE H – ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS NA ÍNTEGRA .....	69

## 1 INTRODUÇÃO

A brincadeira é uma das maneiras eficazes para desenvolver a linguagem verbal, dando oportunidade à criança para o aprendizado de novas palavras. As crianças são de fato ativas em modo geral, gostam de explorar o mundo que as cercam e usam as brincadeiras para fazer isso.

Dessa forma, o objeto de estudo deste trabalho são as brincadeiras livres. A questão inicial para a realização do estudo foi: por quais métodos as brincadeiras livres podem influenciar no desenvolvimento integral da criança? Para responder esta pergunta, o objetivo geral será o de compreender e analisar a concepção das professoras sobre o brincar livre das crianças na Educação Infantil, e como objetivos específicos: investigar como as professoras planejam e desenvolvem as práticas relacionadas ao brincar no seu cotidiano; verificar como se dá a orientação sobre a inserção de brincadeiras livres no planejamento das professoras e reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante nas projeções das crianças.

No que diz respeito à importância da brincadeira na Educação Infantil, para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, Macedo, Passos e Petty (2005, p. 10) ressaltam que: “[...] a criança desenvolve brincadeiras e aprende jogos. Pode também aprender brincadeiras com seus pares ou cultura e, com isso, desenvolver habilidades, sentimentos ou pensamentos.” Através da brincadeira, sejam elas livres ou direcionadas, a criança consegue aprimorar sua aprendizagem para desenvolver-se de forma mais íntegra.

No desenvolvimento infantil, na perspectiva froebeliana, brincar é essencial, uma vez que: “[...] brincar é a mais alta fase do desenvolvimento infantil – do desenvolvimento humano neste período [...]” (FROEBEL, 1896, *apud* KISHIMOTO, 2007, p. 48). Sendo assim, pode-se acrescentar que a brincadeira infantil, é necessária para o desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e motor, proporcionando à criança um bom desempenho no seu dia a dia.

No que tange à brincadeira em zonas rurais, Friedmann (2012) afirma que, as brincadeiras em áreas rurais têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços em contato direto com a natureza, fundindo-se dos elementos do entorno que motivam esses repertórios lúdicos. As brincadeiras que são consideradas da zona rural possuem uma sensibilidade maior com a natureza, dando oportunidade a

criança de interagir livremente, porém, continua Friedmann (2012), em zonas rurais os pais também trabalham e, muitas vezes, as crianças constituem mão de obra adicional à deles ou cuidam da casa e dos irmãos.

Nesse contexto, nos apoiamos em Wenner, ao afirmar que,

[...] as crianças usam a imaginação e experimentam novas atividades e papéis – aderem ao jogo de ‘tentar’, ao desafio do novo, exercitando a flexibilidade e a capacidade de lidar com o inusitado. Além disso, ao brincar, expressam angústias e medos, buscando inconscientemente formas de assumir o controle dos próprios sentimentos. (WENNER, 2011, p. 30).

Para tanto, faz-se necessário que o professor da Educação Infantil esteja preparado para lidar com a imaginação da criança, pois quando menos se espera, situações que aparentemente não possuem respostas irão surgir e o mesmo precisa estar pronto para responder de uma forma que não atrapalhe o seu desenvolvimento no que diz respeito à brincadeira que a mesma está inserida.

Quando se refere ao brincar direcionado, Soares enfatiza que,

A atividade lúdica é direcionada para fins de aprendizagem, e a criança vive experiências em níveis diferentes de complexidade e envolve assim através do brincar, suas capacidades cognitivas, ou seja, o brincar dirigido como um procedimento que pode compor o processo pedagógico. (SOARES, 2012).

O brincar direcionado, dirigido ou diretivo, como alguns teóricos preferem nomear, está relacionado com a brincadeira que possui começo, meio e fim, com um eixo norteador que guiará a criança sem erros ou falhas aparentemente perceptíveis.

Cabe pontuar que, ainda existe dificuldade em encontrar pesquisas diretamente relacionadas ao “Brincar Livre”. Nos poucos anos de experiência em escolas de Educação Infantil, tive a oportunidade de perceber a falta de atenção de alguns professores e o descaso de alguns pais, para com a brincadeira. De tal forma, queremos demonstrar que a brincadeira é tão importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, quanto os demais eixos curriculares programados, por acreditarmos que tal estudo será de grande relevância acadêmica e social, podendo contribuir como material teórico-metodológico para subsidiar a abordagem utilizada pelos professores em salas de aula de Educação Infantil, por meio dos resultados desta pesquisa.

Visto que, segundo Lobo (2013, p 11), “[...] a brincadeira é uma atividade inerente ao ser humano e essencial na infância por estar presente em tudo o que a criança faz.” Quando a criança nasce e seus pais proporcionam estímulos que são fundamentais para desenvolver nela os sentidos da brincadeira, a criança irá estabelecer padrões de comunicação através da sua forma de brincar e com o passar dos meses desenvolverá brincadeiras nas quais a mesma possa fazer uso do seu corpo e de objetos



que estão ao seu redor, podendo conhecer e desenvolver suas habilidades de imaginação, auto expressão, fazendo com que elas possam buscar soluções para problemas sociais e pessoais.

Decidimos pesquisar sobre a brincadeira na Educação Infantil, logo após ter passado pela disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, em 2015.1, na qual tivemos a oportunidade de ver práticas nas quais a professora regente da turma transformava uma simples brincadeira em momentos de prazer para as crianças, proporcionando um bom desenvolvimento para todas. Além disso, também sentíamos a necessidade de mostrar que a brincadeira é muito mais do que pode ser visto, ela é de fato essencial para todo o processo de formação da criança.

Diante o exposto, o trabalho a seguir está estruturado da seguinte maneira: No segundo capítulo, intitulado: A brincadeira e a criança, discutimos sobre a importância da participação dos pais, professores e outros responsáveis nas brincadeiras para o desenvolvimento da criança. O capítulo ainda conta com quatro subtítulos, o primeiro, intitulado: A importância da brincadeira na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança, no qual podemos observar que a brincadeira não se limita a uma atividade de lazer, está assegurada por leis e é papel do professor e seus responsáveis assegurar que as crianças tenham oportunidade de brincar em espaços apropriados.

O segundo subtítulo, intitulado: O brincar livre, indica que a criança já está predisposta a ter a brincadeira no seu interior e com o seu processo de desenvolvimento a mesma irá utilizar de sua imaginação para brincar livremente, criando e recriando histórias com personagens fictícios ou colocando-se no papel de adultos. No terceiro subtítulo, intitulado: O brincar direcionado, apresentamos a relação dos jogos com regras, brinquedos e jogos de tabuleiro, que possuem um direcionamento já pré-concebido. E por fim, o quarto subtítulo intitulado: Diversas maneiras de brincar na zona rural, aponta um pouco das peculiaridades que as brincadeiras das crianças que vivem na zona rural têm, desde o trato direto com animais, com a natureza e com espaços mais livres.

No terceiro capítulo abordamos os procedimentos metodológicos, análises e discussão dos dados coletados, objetivando as características do trabalho, a exemplo dos instrumentos empregados para coleta e o método de análise de dados. Também apresentamos os resultados que adquirimos na investigação, bem como as contribuições teóricas de alguns autores, a partir dos dados obtidos. Este capítulo ficou dividido em nove subtítulos:

O primeiro subtítulo fala sobre o tipo de pesquisa utilizada. O segundo, os instrumentos de coleta de dados: um Questionário (apêndice D) sobre dados da escola foi aplicado para a diretora; um Questionário Sociodemográfico (apêndice F) que foi aplicado a todos os participantes, exceto as crianças; uma Entrevista Semiestruturada (apêndice E) com as professoras e coordenadora, e o Teste do Par Educativo (TPE) (apêndice G) foi aplicado às crianças.

O terceiro, trata do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice A), o qual está regulado pelas Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos, através da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida em outubro de 1996 e foi assinado pelos participantes que foram entrevistados. O quarto subtítulo trata do tipo de análise de dados adotada na pesquisa: Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bauer (2002). No quinto, apresentamos o perfil sociodemográfico dos participantes, e em seguida, a unidade pesquisada, detalhes básicos de localização e quantidade de sujeitos que participaram da pesquisa. O sétimo subtítulo fala sobre o perfil da escola pesquisada. No oitavo, traremos o resultado obtido através da entrevista realizada com as professoras e a coordenadora. Por fim, o último subtítulo apresenta o Teste do Par Educativo (TPE), aplicado às crianças e sua análise.

Encerrando com as considerações finais desta pesquisa, na qual mostramos as dificuldades na realização de tal estudo, desde seu início quando ainda era um projeto de pesquisa, até a transformação em um trabalho de conclusão de curso. Os resultados foram promissores. As professoras conseguiram responder com êxito os questionamentos feitos acerca da brincadeira livre, deixando evidente a sua importância para todo o processo de formação das crianças. Com o TPE, percebemos que as crianças foram capazes de mostrar o seu cotidiano através dos desenhos captados e dialogar sobre a cena que se passava.

## **2 A BRINCADEIRA E A CRIANÇA**

A criança é uma artista por si só, transformando todo e qualquer espaço em seu lugar de brincadeiras, que irão fluir naturalmente, pois sua imaginação é imensamente propensa aos locais que a mesma está inserida. É importante ressaltar que a criança necessita da ajuda de seus pais, professores e outros responsáveis, que possam dar-lhe auxílio para que haja um resgate de culturas, que foram esquecidas com o passar dos tempos devido às exigências que o mundo adulto impõe, pois eles possuem em suas memórias, as mais diversas brincadeiras que foram deixadas de lado, que podem trazer grande importância para o desenvolvimento da criança.

Segundo Sommerhalder e Alves,

[...] poderemos observar com muito mais clareza a presença de jogos e brincadeiras na educação infantil, uma vez que ainda há espaço para a vivência da atividade lúdica na rotina das crianças, do que nos anos iniciais do ensino fundamental em que a lógica dominante é a da produtividade, ou seja, do trabalho em contraposição ao brincar, ao jogar, tomadas como atividades improdutivas. (SOMMERHALDER; ALVES, 2011, p. 07).

Sendo assim é essencial que toda criança tenha em seu cotidiano a oportunidade de brincar com todos aqueles que a cercam e cabe ao professor da Educação Infantil perpassar todos os preconceitos que são tecidos sobre a brincadeira, seja ela livre ou direcionada.

### **2.1 A importância da brincadeira na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança**

Perante a sociedade, a brincadeira ainda é considerada como algo sem valor para o desenvolvimento da criança, pois é observada como uma atividade paralela, na qual a criança a realiza apenas em momentos de lazer, tanto no âmbito escolar quanto no cotidiano familiar. Cabe então questionar quais os motivos para que ainda exista tanto desprezo pela brincadeira, pois, teóricos a exemplo de Kishimoto (2007) e Piaget (2001) comprovaram que a mesma é capaz de contribuir com o desenvolvimento cognitivo, motor e socioafetivo da criança.

Para quebrar os paradigmas que são relacionados à brincadeira, estudos voltados para área da Psicologia foram determinantes para detalhar que o brincar é fundamental no processo psicológico, que é fonte de desenvolvimento da criança. O brincar é uma atividade para além do lazer, que trabalha toda a imaginação, fantasia e realidade, interagindo e criando novas maneiras de manter as relações interpessoais, as

várias formas de interpretação e expressão das crianças. Dessa forma, poderão reconstruir e reorganizar todos os seus conceitos, saberes e práticas, através das brincadeiras que elas podem desenvolver.

Vygotsky (1991, p. 117), afirma que na brincadeira “[...] a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que ela é na realidade”. Deste modo, a brincadeira promove uma zona de desenvolvimento proximal, possibilitando, que as ações da criança perpassem o desenvolvimento que já foi alcançado, ou seja, o seu desenvolvimento real, dando oportunidade para obter novas conquistas e possibilidades de maior compreensão e de ação sobre o mundo.

O brincar na Educação Infantil é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, os locais e as pessoas que fazem parte no convívio familiar e escolar, precisam estar repletos de brincadeiras, podendo proporcionar os requisitos fundamentais para a construção integral da criança.

É importante ressaltar que a ludicidade deve estar presente em todas as faixas etárias e no Brasil é reconhecida através da Lei nº 8069/1990, ou como é mais conhecida, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), no seu capítulo II, artigo 16º, inciso IV, em que garante o direito concedido às crianças de brincar, praticar esportes e divertir-se.

Ao longo da infância a propensão da aprendizagem em todos os fatores e a assimilação dos valores está em destaque. Fundamentando-se na ideia de Piaget (2001), em que a primeira infância vai dos dois aos sete anos de idade, como base para a aprendizagem humana, pois a mesma auxilia na obtenção de conhecimentos futuros e constituição da personalidade e das condutas. Quando a criança está envolvida em um processo que lhe dê todo o crescimento cognitivo, desenvolvimento da linguagem e das capacidades motoras, socioafetivas, será oportunizado uma disseminação de suas potencialidades intelectuais e de tal forma, sua vida escolar terá grande aproveitamento, tendo como resultado cidadãos críticos e capacitados para se igualar às diversas e imutáveis transformações sociais.

Conforme rege as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009), a criança possui o direito de brincar e de produzir cultura, assim,

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua

identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 1).

Frente a esta assertiva, considera-se grande avanço na Educação Infantil brasileira a inclusão da brincadeira na legislação, tendo em vista que faz parte no processo de desenvolvimento da criança. E é dever das instituições de Educação Infantil, promover e garantir que a brincadeira tenha tempo e espaço necessário, bem como oportunizar a criança estruturas que permitam o brincar livre com os devidos incentivos. Lembrando que, a maior parte dessa responsabilidade está nas mãos dos professores, pois eles necessitam ter um olhar diferente sob a criança perante a sociedade e a brincadeira, tendo parte fundamental no processo histórico desta. Quando adotada essa posição, o/a professor/a poderá apoderar-se de atitudes e decisões coerentes que contribuam com o desenvolvimento da criança.

Este precisa dar suporte para a criança desenvolver suas brincadeiras livres, sem esperar orientações prévias de adultos. Brougère (2010), afirma que a brincadeira livre deve originar-se da própria criança, a mesma deve determinar do que brincar e como brincar. Pode-se então perguntar, qual seria o papel dos/as professores/as nesse processo? Devem proceder sobre os materiais dispostos na brincadeira e sobre o contexto em que a brincadeira acontece. Segundo Brougère,

Diante da indeterminação da brincadeira, a única ação que se pode conciliar com o respeito por essa atividade parece ser a intervenção sobre o contexto, seja através do ambiente material, seja pela própria cultura da criança, mas fora da hora da brincadeira. (BROUGÈRE, 2010, p. 113).

Cabe aqui ressaltar que o/a professor/a deve propiciar à criança um espaço agradável e adequado em sala de aula onde ela possa interagir livremente com seus colegas, de tal modo que ela tenha liberdade de escolha quanto do que brincar, lembrando que, os professores devem envolver-se nas brincadeiras de acordo com suas faixas etárias e claro, não influenciando os destinos que as brincadeiras venham a tomar, deixando que elas possam decidir o caminho.

## **2.2 O brincar livre**

A brincadeira livre não resulta no distanciamento total do professor, o mesmo deve se envolver de forma que possa abranger as instâncias da criança de brincar livremente e os incentivos que a brincadeira livre a oportuniza.

A brincadeira livre distintivamente da brincadeira com efeitos didáticos é criada pela própria criança, na qual ordena e estabelece suas regras, tudo de forma natural. As conclusões não são anteriormente estipuladas, mas estabelecida de acordo com a decorrência da brincadeira do início ao fim. Segundo Borba, “É preciso compreender que o jogo como recurso didático não contém os requisitos básicos que configuram uma atividade como brincadeira: ser livre, espontâneo, não ter hora marcada, nem resultados prévios e determinados”. (BORBA, 2006, p. 43).

Borba (2006) ainda chama a atenção para o fato de que, a brincadeira nutre a ideia de uma atividade que não produz, particularmente nas comunidades sociais. O que comumente observamos no cotidiano é que a brincadeira costuma limitar-se apenas aos recreios nos pátios das instituições, entretanto, alguns professores não participam das brincadeiras que as crianças estão desenvolvendo, preferem por muitas vezes ocupar-se com outras tarefas ou conversar com os demais colegas de trabalho. É comum presenciar tais momentos, pois o que se espera é que quanto mais cedo à criança seja introduzida no mundo adulto, mais ela irá produzir e trabalhar em seu tempo livre, o que trazendo para a conjuntura da Educação Infantil, traduz-se nas atividades pedagógicas que abrangem apenas os princípios cognitivos almejados para cada faixa etária. Omita-se que a brincadeira livre proporciona uma demanda de contribuições para os processos de desenvolvimento da criança.

Além de ser livre, natural, e com resultados ocasionais e imprecisos, a brincadeira caracteriza-se pelo fato de proporcionar a imaginação, o reconhecer dos diferentes papéis e o acolhimento de condutas que não tem as mesmas implicações que teríamos na vida real. Brincar compreende o desenvolvimento de múltiplas aptidões e competências nas crianças, o que por muitas vezes não é adequadamente acolhido nas instituições de Educação Infantil ou substituído pela busca do desenvolvimento cognitivo com atividades pedagógicas. Tais práticas desenvolvidas na brincadeira são tão fundamentais como também essenciais na vida da criança.

Através do faz de contas, a criança é capaz de transformar um simples brinquedo em uma infinidade de objetos para conservar sua brincadeira. De acordo com Vygotsky (1991, p. 65), “[...] no brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias, e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo”. Nas brincadeiras livres que a criança vivencia, é fundamental que seja observado como ela convive com outras crianças e com os brinquedos que lhe são dados, bem como sua utilização perante as brincadeiras.

Outra questão relacionada à brincadeira livre diz respeito ao brincar de serem “outros”, o que significa desligar-se, de certo modo, de si mesmo para absorver outros papéis, por muitas vezes ser o pai, mãe, filho, cachorro, policial, super-herói e etc. De tal maneira a criança consegue conhecer a si mesmo e assim caracterizar a forma que se vê, sente e assimila o mundo ao seu redor. Segundo Borba (2006, p. 36), “Quando crianças brincam de serem ‘outros’ [...], refletem sobre suas relações com esses outros e tomam consciência de si e do mundo [...]”. Refere-se, portanto, a um vínculo do real com a fantasia, em que a criança recria a maneira que ela vê as coisas e as pessoas que a cercam com elementos inovadores na brincadeira. Fazer uso da imaginação na brincadeira não quer dizer que a criança esteja completamente distante da realidade, mas que ela interpreta essa realidade de forma diferente ao brincar, dando a possibilidade de executar os verdadeiros desejos em situações imaginárias, sobretudo efetivadas pela brincadeira.

Ainda que a criança ainda não tenha alcançado determinados processos mentais em seu desenvolvimento, ela pode mostra-los ou aperfeiçoá-los numa brincadeira. Aquilo que ela ainda não consegue praticar sozinha na realidade, a mesma pode retratar através da brincadeira. Para tanto a brincadeira transforma-se em algo mais simpático para as crianças, por ser uma das manifestações de sua autonomia, sendo capaz de agir além de seu desenvolvimento real e de suas demarcações atuais.

De acordo com Borba (2006), admitindo papéis e concedendo significado aos objetos, a criança assimila a construção de narrativas, além de aperfeiçoar habilidades motoras - como correr, pular e subir - e habilidades comunicativas, em que a criança consegue se expressar de diferentes formas - pela expressão verbal, por gestos, expressões faciais, entre outros. Entretanto, esses resultados não podem ser idealizados pelo professor, entende-se que o espaço para a brincadeira livre na educação infantil é extremamente importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, dando-lhe habilidades sociais que são fundamentais para sua vida quer seja no convívio escolar e/ou familiar.

### **2.3 O brincar direcionado**

Segundo Friedmann (1996), o jogo e o brincar mostram-se por vezes como sinônimos, tais palavras são compreendidas, frequentemente como atitudes da infância que tem como finalidade entreter as crianças, separadamente ou em grupo. A autora

também se refere à brincadeira como uma atividade desestruturada que está relacionada aos desempenhos espontâneos, na qual as crianças tomam suas decisões por conta própria, realizando suas ideias através dos brinquedos ou demais objetos. Ela ainda afirma que o jogo é entendido como uma brincadeira com regras em que as crianças relacionam-se com as outras com ou sem brinquedos.

Como já dito, o brincar é de extrema importância para o desenvolvimento da criança e é a principal atividade delas quando não está dormindo ou se alimentando. O jogo é uma brincadeira em um contexto de regras e com objetivos programados, em que é possível ganhar ou perder. Em jogos de tabuleiro, por exemplo, as peças, as regras, são condições para a sua realização. Os jogos são brincadeiras que possuem uma organização com papéis e posições determinadas.

Para que a brincadeira aconteça conforme as regras estabelecidas, o/a professor/a precisa organizar e estruturar o espaço para que estimule a criança. As regras postas pelo próprio jogo ou brincadeira precisam ser seguidas à risca, entretanto, algumas vezes a criança transforma tais regras para o seu próprio usufruto e aí que o adulto precisa ficar atento para que não ocorra algum déficit na aprendizagem da criança no decorrer da brincadeira. É fundamental que o/a professor/a determine uma “área livre”, onde as crianças poderão desenvolver tais jogos e brincadeiras.

Observar atentamente é um dos papéis fundamentais que o/a professor/a da Educação Infantil pode realizar para sua prática pedagógica, o qual precede ao planejamento de suas ações e a avaliação de seus alunos, como afirma Fortuna,

Assim como a interação criança-criança na brincadeira é fundamental, também é importante a interação da criança com o educador. A presença do educador é agregadora e estimulante. Brincando junto, o educador infantil mostra como se brinca, não só porque assim demonstra as regras, mas também porque sugere modos de resolução de problemas e atitudes alternativas em relação aos momentos de tensão. (FORTUNA, 2011, p. 10).

Os/as professores/as da Educação Infantil podem perceber o brincar como algo não produtivo e para tanto precisam estar cientes de que não é somente o brincar pelo brincar, é necessário que aconteça mediação e o brincar direcionado para determinados momentos entra em ênfase, para todos os fins. O brincar direcionado não é, em momento algum, uma perda para a criança. O brincar direcionado e com objetivos pré-definidos, ou seja, programados, sempre será um instrumento de utilidade no desenvolvimento e aprendizagem da criança, visto que ela é um ser essencialmente brincante.



## 2.4 Diversas maneiras de brincar na zona rural

Compreende-se que a cultura está presente nas diversas maneiras de brincar das crianças. Torna-se primordial salientar a importância das brincadeiras praticadas na zona rural e no interior de pequenas cidades, onde as crianças vivenciam atividades direcionadas à pecuária e ao campo. As crianças idealizam seu mundo imaginário através das brincadeiras, para tanto, ressalta-se a relevância das brincadeiras infantis em todos os locais.

As crianças que moram em zonas rurais dispõem de contato com a natureza e todos os elementos que os agregam, dando as crianças um mundo natural e cheio de fantasias para desenvolver diversas brincadeiras. A este respeito, Friedmann afirma que, “Brincadeiras de áreas rurais têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços em contato direto com a natureza, fundindo-se dos elementos do entorno que motivam esses repertórios lúdicos”. (FRIEDMANN, 2012, p. 26).

São várias as atividades que podem ser realizadas na zona rural, onde podem ser postas para meninos e meninas, tais como; esconde-esconde, pega-pega, entre outras brincadeiras que não necessitam de um espaço demarcado. Tanto os meninos quanto as meninas que vivem na zona rural costumam brincar debaixo de árvores, em meio à natureza, ambos brincando diretamente com a terra, fazendo estradas para os carrinhos, casinhas para as bonecas e acabam formando pequenas cidades ou até mesmo procuram imitar o local onde vivem.

As atividades lúdicas que acontecem na zona rural, normalmente são brincadeiras que incluem brinquedos que foram elaborados e produzidos com o que o próprio meio disponibiliza a água, a terra, plantas e bichos. Sendo que por meio desses elementos naturais, as crianças podem desenvolver um amplo conhecimento sobre a natureza e suas representações por intermédio de atividades lúdicas. Friedmann (2012) enfatiza que as crianças de idades diferentes juntam-se para brincar e usufruir de todo espaço acessível.

As crianças não se deparam com dificuldades para se envolver com outras, mesmo que tenham idades distintas, podendo encontrar brincadeiras que comportem e atendam as necessidades de todas independente do espaço ao qual estão inseridas, algo que não é tão difícil para crianças que vivem na zona rural. Além de outras crianças, os pais, em alguns momentos, participam das brincadeiras de alguma forma, quer seja,

auxiliando em algo que a criança não consiga ou não possa realizar, ou diretamente, participando juntamente com a mesma.

Podemos inferir que as crianças que seguem todo o trajeto de seus pais no dia a dia no meio em que residem e também que as atividades rurais não são cronometradas pelo tempo vivem no interior, dispõem de laços afetivos maiores, pois, dão oportunidade aos pais de desfrutar da infância de seus filhos e das brincadeiras que eles praticam.

Através das análises dos dados obtidos, e descritos mais a frente, pode-se perceber que as crianças que residem em zona rural unem suas brincadeiras ao seu trabalho do dia a dia, pois elas ajudam seus pais nas atividades domésticas, na roça, no cuidado com os animais e com os irmãos mais novos.

Para algumas famílias que vivem na zona rural não é comum o uso das tecnologias, como computadores, redes sociais, as crianças ainda tem oportunidade de brincar com o que o meio pode oferecer. Mesmo existindo brinquedos industriais que seus pais ou parentes lhes dão, as crianças também fazem uso de brinquedos que são confeccionados por elas mesmas ou por seus pais. Entretanto, essa não é uma realidade que pode ser presenciada em todos os lares da zona rural, muitas dessas famílias trabalham na zona urbana, fazendo com que as crianças passem certo tempo sozinhas e por vezes essa solidão é substituída pela tecnologia que seus pais oferecem.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS**

Depois de estabelecido o objeto de estudo da pesquisa, é fundamental diferenciar as formas de abranger o objeto que foi estudado. A inserção no trabalho de campo ocorreu através da proximidade com os participantes submetidos ao estudo, com a indicação da proposta aos grupos estudados, da maneira como o pesquisador se porta em relação à problemática que foi estudada e também um cuidado teórico-metodológico com a temática a ser explorada.

No decorrer da entrevista, procuramos evidenciar dados importantes nas falas dos participantes, na qual pudéssemos associar tais informações com teóricos e assim dissertar sobre o ponto abordado. Para um bom desempenho, a entrevista foi gravada, dando mais confiabilidade aos dados obtidos.

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

Os métodos utilizados numa pesquisa irão dizer o quão grande é sua relevância para o meio acadêmico e social. Uma pesquisa bem organizada e bem fundamentada sobre o objeto pesquisado proporcionara resultados favoráveis tanto para o pesquisador, quanto para os participantes e caso solicitado devem-se compartilhar os resultados obtidos.

Para Xavier (2014, p. 76) “[...] toda pesquisa precisa de dados para analisar e eles só são coletados com instrumentos adequados para isso.” De tal forma, toda e qualquer pesquisa requer métodos bem estruturados que se interliguem, podendo obter dados aos quais darão todo suporte necessário para a aquisição dos resultados esperados e/ou almejados pelo pesquisador.

No que se refere à abordagem foi usada à pesquisa qualitativa, pois, segundo Minayo,

Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21).

Segundo Appolinário (2011, p. 146), a pesquisa básica tem como objetivo principal “[...] o avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos”, pois a mesma visa gerar novos

conhecimentos ou o melhoramento dos que já existem no avanço da ciência, não existindo a aplicação prática prevista.

Relacionado aos objetivos, uma das pesquisas escolhidas foi à pesquisa exploratória, pois segundo o ponto de vista de Severino,

[...] A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. (SEVERINO, 2007, p. 123-124).

Desta forma, busca facilitar uma maior familiarização entre o pesquisador e o objeto pesquisado e é uma pesquisa bem específica, muitas vezes sendo confundida com estudo de caso.

Ela também foi descritiva, pois conforme argumenta Appolinário (2011, p. 147), na pesquisa descritiva o pesquisador se limita a “[...] descrever o fenômeno observado, sem inferir relações de causalidade entre as variáveis estudadas”, sendo assim, ambas as pesquisas acabam se completando, pois é necessária uma exploração do problema pesquisado, para que depois exista uma devida descrição das informações pesquisadas anteriormente.

Ao mesmo tempo em que se caracterizou de campo. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa de campo se caracteriza, pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.).

### **3.2 Instrumentos de coleta de dados**

Antes da coleta de dados, contatamos a diretora, para pedir permissão para a pesquisa em sua instituição, explicar os propósitos desta e assegurarmos o anonimato da escola e seus participantes. Comprometemo-nos a retornar com os resultados, caso fosse seu desejo, ao final do processo. Informamos também, que a pesquisa seria realizada com ela, duas professoras da Educação Infantil, a Coordenadora Pedagógica e as crianças.

Com a diretora aplicamos um questionário sobre a instituição (Apêndice D). Com todas as participantes, exceto as crianças, um questionário sociodemográfico (Apêndice F), em que nos daria possibilidade de conhecer as participantes da entrevista.

A entrevista semiestruturada (Apêndice E), composta por 10 questões, que atenderia aos objetivos, compreender e analisar a concepção das professoras sobre o brincar livre das crianças na Educação Infantil; investigar como as professoras planejam e desenvolvem as práticas relacionadas ao brincar no seu cotidiano; verificar como se dá a orientação sobre a inserção de brincadeiras livres no planejamento das professoras. Para Minayo (1994), “[...] a entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revele condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de determinados grupos”, além das questões preestabelecidas relacionadas ao objeto de estudo, permitirá, e às vezes até incentivará, que as entrevistadas falem livremente, sobre os assuntos que surgirão no decorrer da entrevista.

Para coleta de dados com as crianças da Educação Infantil foi utilizado o Teste do Par Educativo – TPE (Apêndice H), cujo objetivo foi de reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante nas projeções das crianças. Segundo Visca (2010), a técnica denominada Par Educativo foi elaborada na Argentina por Malvina Oris & Maria Luisa de Ocampo, posteriormente, sofreu um processo de estruturação que permitiu torná-la uma técnica de caráter projetivo cujo propósito central é possibilitar a percepção do vínculo entre quem ensina e quem aprende.

### **3.3 Termo de consentimento livre e esclarecido**

No primeiro contato que tivemos com os sujeitos, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A, B e C), que foi utilizado com propósitos éticos, dando toda segurança aos entrevistados a sua total descrição na pesquisa, o TCLE está regulado pelas Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos, através da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida em outubro de 1996. Tendo realizado a leitura com todos os participantes da pesquisa, solicitamos que assinassem em duas vias, e entregamos uma cópia a cada participante.

### **3.4 Técnicas de análise de dados**

Para processar e analisar os dados, utilizamos o método de Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bauer (2002). Segundo o autor, as análises podem ocorrer levando em consideração duas dimensões, sendo elas: sintática que enfoca as

observações nos transmissores, formas de falar, vocabulário, frequência de emprego das palavras, e a dimensão semântica, a que optamos por utilizar nesta pesquisa: “[...] dirige seu foco para relação entre os sinais e ou sentido normal - sentidos denotativos e conotativos em um texto”. (p.193).

Sendo assim, pode-se afirmar que a AC tem início na leitura das falas, que são realizadas através da transcrição das entrevistas e/ou depoimentos obtidos dos sujeitos pesquisados.

### **3.5 Perfil sociodemográfico dos participantes**

Participaram do questionário sociodemográfico, a Gestora da instituição, a Coordenadora Pedagógica, e duas Professoras da Educação Infantil. Para garantir seu anonimato, solicitamos que criassem um pseudônimo para sua identificação.

A Gestora escolheu ser chamada de Lea, a mesma tem 49 anos, é casada e praticante da religião católica. É funcionária efetiva do município, entretanto foi nomeada gestora da escola pesquisada pouco mais de 2 anos. Lea formou-se em 1996 no Curso de Licenciatura em Pedagogia, tendo feito uma especialização em Metodologia do Ensino Fundamental. Seu tempo de atuação no magistério é de 15 anos. Sua renda salarial varia entre 1 e 3 salários mínimos, não possuindo nenhuma outra renda extra. Outra profissão que a mesma gostaria de exercer, caso não fosse professora/diretora, seria Enfermagem. Atualmente ela também é professora de catecismo.

A Coordenadora Pedagógica, com pseudônimo de Zefinha, tem 43 anos, é solteira e praticante da religião católica. É efetiva do município e foi nomeada coordenadora pedagógica da escola pesquisada pouco mais de 2 anos. Zefinha formou-se em 1993 no Curso de Licenciatura em Pedagogia, tem especialização a qual não foi mencionada. Seu tempo de atuação no magistério é de 20 anos dos quais 15 anos foram dedicados à Educação Infantil. Por 10 anos participou de cursos voltados para a Educação Infantil. Sua renda salarial varia entre 1 e 3 salários mínimos, não possuindo nenhuma outra renda extra. Outra profissão que a mesma gostaria de exercer, caso não fosse professora/coordenadora, seria Paisagista.

A professora do Pré I, nomeada de Maria, tem 37 anos, é casada e praticante da religião católica. É efetiva no município, e já atua na escola há 15 anos. Maria formou-se em 2008 no Curso de Licenciatura em Letras, tem especialização em Linguística e

Literatura, seu tempo de atuação no magistério é de 20 anos dos quais 06 anos foram dedicados à Educação Infantil. Por 05 anos participou de cursos voltados para a Educação Infantil. Sua renda varia entre 4 e 6 salários mínimos, não possuindo nenhuma outra renda extra. Outra profissão que a mesma gostaria de exercer caso não fosse professora, seria Obstetra.

A professora do Pré II, Carla, tem 38 anos, é solteira e praticante da religião evangélica. Seu vínculo empregatício é efetivo no município, e já atua na escola há 05 anos. Carla formou-se em 2008 no Curso de Licenciatura em Pedagogia, tendo feito uma especialização em Educação de Jovens e Adultos. Seu tempo de atuação no magistério é de 17 anos dos quais 05 anos foram dedicados à Educação Infantil. Por 05 anos participou de cursos voltados para a Educação Infantil. Sua renda varia entre 1 e 3 salários mínimos, não possuindo nenhuma outra renda extra. Outra profissão que a mesma gostaria de exercer, caso não fosse professora, seria Psicóloga.

### **3.6 Os sujeitos e a unidade pesquisada**

A instituição escolhida para realização da pesquisa foi uma escola da zona rural do município de Cajazeiras-PB. A pesquisa foi desenvolvida com 09 alunos (as), duas professoras, uma coordenadora pedagógica e uma gestora.

Após a diretora, a coordenadora, as professoras e os pais das crianças terem assinado o TCLE, aplicamos os instrumentos de coleta de dados, já citados anteriormente, a partir daí fizemos um registro de observação, a fim de conhecer as dependências físicas da escola, os serviços assistenciais e multimeios, os recursos e equipamentos de uso didático-pedagógicos, existentes na escola, o corpo docente atuante nas instituições, como e quando é realizado o planejamento, qual a realidade sócio-econômico-cultural da comunidade escolar e o horário de funcionamento.

### **3.7 Perfil da escola pesquisada**

De acordo com o relato da Diretora (Apêndice D), a escola possui 268 alunos e conta com 2 turmas da Educação Infantil, 1 turma referente a cada ano do 1<sup>a</sup> ao 9<sup>a</sup> do Ensino Fundamental e 1 turma de EJA, correspondente ao 7<sup>a</sup> ano.

O corpo docente da escola é formado por 14 professores (as) que estão distribuídos em três turnos, manhã, tarde e noite. No turno da manhã funcionam turmas de Pré I ao 4<sup>o</sup> ano, com 6 professoras, das quais 4 tem formação superior em Pedagogia

e especialização, uma possui formação superior em Letras e especialização e uma tem o Normal Superior com especialização.

No turno da tarde funcionam turmas do 5º ao 9º ano, onde possuem 8 professores (as) que se dividem em turmas com disciplinas do Fundamental II. Na escola possui documentação de apenas uma professora do turno da tarde e a mesma tem formação superior em Letras com especialização. E no turno da noite funciona apenas uma turma da EJA corresponde ao 7ª ano do Ensino Fundamental, e a professora tem formação superior em Pedagogia.

A gestão é formada por uma diretora, uma vice-diretora e uma coordenadora pedagógica. A escola conta com 7 funcionários, assim compreendidos: 2 merendeiras, 2 vigilantes, 2 auxiliares de serviços gerais e 1 secretaria.

Suas dependências administrativas são: a direção e secretaria que funcionam na mesma sala, 6 salas de aula; a sala dos professores também é utilizada como biblioteca e existe 1 sala de computação, a escola também possui 1 sala de AEE, a mesma é toda equipada, mas não possui um profissional capacitado para fazer o devido atendimento.

A cozinha e os banheiros foram reformados e ampliados. Todas as salas e entrada da escola possuem rampas de acessibilidade para alunos cadeirantes ou com outras necessidades especiais. A área de recreação das crianças é limitada, a escola possui apenas os corredores e um espaço que é de chão batido para realizar atividades recreativas.

A escola conta com 3 máquinas impressoras e 1 máquina de xerox para o uso coletivo dos professores nos quais os mesmos podem fazer cópias de atividades para seus alunos; também possui 1 data show, 2 notebooks, 15 computadores, 1 microscópio.

Os planejamentos são realizados a cada quinze dias, ocorrendo geralmente nas quintas feiras na Biblioteca Pública do Município, mas nem todos os professores se fazem presentes, pois alguns moram em outras cidades e não podem comparecer. O acompanhamento é feito pela gestora e coordenadora pedagógica.

### **3.8 Professoras e Coordenadora: A brincadeira – Entrevista**

A seguir analisaremos as entrevistas realizadas com as duas professoras da Educação Infantil e com a Coordenadora da escola. As questões para as professoras diferenciaram das realizadas à Coordenadora devido à mesma estar fora de sala de aula este ano. Ficando apenas algumas questões comuns às mesmas.



Iniciamos perguntando a todas as entrevistadas, “*o que é brincar para você?*”.

Para a professora Carla “*o brincar, é de inteira relevância. A partir das brincadeiras, desenvolvo as demais atividades. Na brincadeira é onde a criança desenvolve a atenção, o respeito, dentre outras aprendizagens*”.

A professora Maria diz que “*pra mim, brincar é algo muito livre, envolve a questão de se divertir, e assim, não é só a criança que brinca, eu digo isso porque eu gosto de brincar com meus filhos e com meus alunos*”.

A coordenadora Zefinha nos disse que “*considero o brincar um ato natural da criança, eu acredito que faz parte da construção da identidade dela, é muito importante na fase que ela está; o brincar na infância é muito importante pra você se construir como ser social*”.

A este respeito recorremos a Santin para quem o brincar,

É de fundamental importância para a aprendizagem da criança porque é através dela que a criança aprende, gradualmente desenvolve conceitos de relacionamento casuais ou sociais, o poder de discriminar, de fazer julgamentos, de analisar e sintetizar, de imaginar e formular e inventar ou recriar suas próprias brincadeiras. (SANTIN, 2001, p.523).

Sendo assim, não se pode de forma alguma privar a criança do seu direito de brincar, caso contrário estará sendo criadas barreiras que impedirão o seu desenvolvimento, que serão perpassados durante o seu crescimento, afetando não só sua infância, mas também toda sua vida.

Dando continuidade com a entrevista, a pergunta a seguir foi feita apenas para as professoras por tratar-se especificamente do planejamento de atividades. Perguntamos se “*você inclui no seu planejamento atividade que contemplem o brincar*”. A professora Carla nos disse que “*sim, no meu planejamento a brincadeira é o pontapé inicial para desenvolver as outras atividades, eu faço isso através de uma brincadeira simples, a partir dali será o desfecho das demais atividades*”. A professora Maria nos afirma que “*sim, assim, no meu planejamento diário sempre tem um momento que é o da brincadeira, é algo fixo no plano*”.

Segundo Lima (2013, p.47) “planejar envolve refletir sobre a ação e também prever meios (materiais) e recursos disponíveis para atingir objetivos”. Dessa forma, representa-se como um processo que direciona e supõe maneiras apropriadas de se chegar, de acordo com conjunturas e oportunidades. No entanto, conforme este autor para que o planejamento ocorra é necessário que o professor tenha suas ações pedagógicas sistematizadas, de modo a ter consciência de suas ações e seus objetivos.

Em complemento a esta pergunta, outra foi feita especificamente a coordenadora Zefinha, se a mesma *“orienta as professoras a inserir as brincadeiras livres no planejamento”*. Ela nos disse que *“tivemos na formação da educação infantil, uma formação destinada exclusivamente para esse tema, de brincadeira livre, como você trabalhar a brincadeira livre com crianças, de que forma você vai inserir no seu planejamento diário”*.

Através das falas das professoras e da coordenadora fica evidente que o planejamento é imprescindível para a realização das atividades a serem realizadas em sala, sejam elas, brincadeiras ou não, até porque segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96 (BRASIL, 1996), no artigo 13º em seu inciso V diz que os docentes incumbir-se-ão de ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidas, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional.

Finalizando a sua resposta ela ainda nos disse que *“o que deixa a desejar é o espaço físico das escolas. Nossa escola não tem pátio, então não tem como querer que a criança brinque. Claro, tem o ‘terreiro’, como a gente chama, mas tem outros fatores, o sol é muito forte, crianças que são doentes e não podem levar poeira, tem muitas coisas que restringem”*. Embora reconheçamos a preocupação da coordenadora, é primordial que os professores possam incentivar o brincar, beneficiando o exercício da autonomia infantil conforme a criança aprende a tomar decisões e a fazer escolhas. Segundo Oliveira,

A brincadeira infantil beneficia-se de suportes externos para sua realização: rituais interativos, objetos e brinquedos, organizados ou não em cenários (casa de bonecas, hospital, etc.), que contém não só temas, mas também regras. Em virtude disso, o professor pode organizar áreas para desenvolvimento de atividades diversificadas que possibilitem às crianças estruturar certos jogos de papéis em atividades específicas. (OLIVEIRA, 2005, p. 231).

Consideramos que a escola deve possuir ambientes adaptados, que possam dar suporte indispensável aos professores e crianças que deles farão uso. Também é necessário repensar a utilização de classes de portas fechadas e carteiras enfileiradas, pois é imprescindível que se trabalhe em ambientes mais agradáveis e seguros.

Continuando a entrevista, perguntamos às professoras se elas *“utilizam alguma estratégia para oportunizar a brincadeira entre crianças.”* A professora Carla nos disse que *“sim, sempre que percebo que está tendo alguma situação que não está sendo positiva eu organizo uma brincadeira que vá de encontro com aquele ensinamento, pois*

*eu acredito que seja mais eficaz do que muito tempo de conversa”*. A professora Maria no diz que utiliza nesse sentido: *“se eu estou trabalhando algum numeral, por exemplo, eu levo as crianças pra amarelinha que tem aqui na escola, pra associarem com a atividade”*.

A brincadeira permite para o/a professor/a um recurso suficiente para transformar a realidade na qual se encontra. Dessa forma enquanto a criança brinca pode-se identificar os seus avanços e sua extensão na aprendizagem, uma vez que, irá atuar na aquisição de conhecimentos de toda a turma. É fundamental para o/a professor/a promover aulas dinâmicas dando a oportunidade de um maior aprendizado para os alunos. Sendo assim, Smole, Diniz e Cândido, afirmam que,

A criança desenha e cria porque brinca. Para ela, a mesma concentração de corpo exigida ao brincar aparece no desenhar, nesse sentido o corpo inteiro está presente na ação, concentrado na pontinha do lápis, e aponta do lápis funciona como uma ponte de comunicação entre o corpo e o papel. Sabemos também que o desenho para registrar uma vivência é muito significativo para a criança na Educação Infantil porque é sua primeira linguagem de expressão e comunicação de suas percepções do mundo (SMOLE; DINIZ; CÂNDIDO, 2000, p.17).

A entrevista prosseguiu e então questionamos às professoras se elas *“oportunizam um dia específico para o brincar”*. De pronto a professora Carla nos afirma que *“não só um dia, dependendo do planejamento, coloco brincadeiras para chegar de encontro as demais atividades, podem ser com os brinquedos, com atividades lúdica”*; a professora Maria nos disse que *“não, dia específico não, eu coloco na minha rotina diária, todo dia tem um tempinho para a brincadeira”*.

Como podemos perceber, ambas não deixam que a brincadeira ocupe apenas um único dia, todos os dias tem atividades voltadas para o brincar, trazendo a atenção das crianças para as atividades propostas pelas professoras. Cabe aqui ressaltar que, para que existam tais brincadeiras, as mesmas precisam ser bem elaboradas e planejadas, mesmo que sejam brincadeiras livres, precisam dar as crianças todo o suporte necessário para o seu desenvolvimento.

Dando continuidade aos questionamentos perguntamos as professoras se elas *“brincam com as crianças. Como. Quando. Por quê.”* A Professora Carla nos disse que *“sim, todas as brincadeiras eu estou fazendo parte, ativamente, sento com eles no chão, gosto de brincar, faço eles rirem, é um perfil meu mesmo”*. A professora Maria afirma que *“brinco, quando a brincadeira é direcionada eu faço o passo a passo com elas”*. Nesta direção, Fortuna (2011) afirma que a participação do professor deve ser de maneira apropriada, nem inibindo a naturalidade da brincadeira, nem tão constante que

a criança perceba-se abandonada, ainda destaca que o professor consiga ser um “amigo do brinquedo” seguindo e desfrutando de momentos bem mais prazerosos que essa brincadeira possibilita a todos.

Cabe aqui enfatizar, que esse brincar de forma alguma pode ser visto como um passatempo, ou como uma atividade inferior, elaborada para a diversão, após a conclusão de atividades de registros no papel, ou atividades apontadas como mais importantes, com apenas o objetivo de diversão. Para tanto é fundamental à participação do professor durante o brincar como afirma Fortuna (2011), através dessa participação, dá-se uma união, brincando junto é possível expor como se brinca, como se podem solucionar problemas e ainda mostrar alternativas para as angústias e frustrações.

Prosseguindo com a entrevista, perguntamos: *“para você, o que é a brincadeira livre na Educação Infantil.”* A professora Carla nos assegurou que *“a brincadeira livre tá tendo um resultado de criatividade muito bom, total interação”*. Já a professora Maria nos disse que *“a brincadeira livre pra mim é algo maravilhoso e fundamental, deixo eles livres, mas fico observando as interações que eles têm uns com os outros”*. De acordo com Velasco (1996), as brincadeiras livres, espontâneas, fazem da criança um ser criativo, responsável e trabalhador. Ainda segundo a autora, *“as tarefas do brincar são lições de vida que nenhum professor é capaz de ensinar. Essas lições, quando na quantidade necessária, são tomadas futuramente pelas necessidades pessoais de cada adulto frente a diferentes situações”* (p. 44).

O mesmo questionamento foi feito à coordenadora Zefinha e ela nos disse que *“é necessário que tenha essa brincadeira, embora a gente observa os professores só querem utilizar a dirigida, muitos professores temem que a criança se machuque ou acabe ferindo o outro”*.

A brincadeira livre, sendo o objeto de estudo desse trabalho não diminui em nenhum sentido a brincadeira dirigida, pois, esse tipo de brincadeira, que é feito através do acompanhamento dos professores, colabora no desenvolvimento de questões muito importantes para criança. Tais brincadeiras têm como principal objetivo orientar e incentivar a criança a se desenvolver.

Através de brincadeiras aplicadas pelos professores, os pequenos têm uma visão bem mais abrangente de si mesmos, entendendo questões de direção (direita e esquerda), ordem (sim e não), interação com os colegas de sala e muito mais. Nessas atividades, os professores os ensinam a aguardar o seu momento, saber que algumas

vezes ganhamos, mas em outras vezes perdemos, compreender que existem normas a serem seguidas e que isso faz parte da sociedade. Esses tipos de atividades favorecem o processo de alfabetização das crianças.

Seguindo a entrevista perguntamos às professoras se elas *“acham que existe diferença entre a brincadeira livre e direcionada na Educação Infantil.”* A professora Carla nos disse que *“a brincadeira livre termina ficando direcionada, porque nos momentos de brincadeira livre, sempre tem uma situação em que vai tratar da aprendizagem”*.

A esse respeito, Velasco (1996) nos diz que o brincar livre é o período do brincar informal. Nesse brincar a criança fica livre, é ela que faz escolhas, descobre e vivencia. Essa forma de brincar é tão significativa para a aprendizagem da criança quanto o brincar direcionado. Podemos dizer que, toda e qualquer brincadeira, seja livre ou direcionada, trará resultados promissores para o desenvolvimento das crianças, e tais brincadeiras se complementam, uma nunca se afastará da outra, sempre haverá semelhanças que a deixarão próximas e com finalidades proporcionalmente iguais.

A professora Maria nos afirmou que *“sim, existe, a brincadeira livre é algo natural deles, gostam de desenhar e contam histórias, gostam de se colocar no papel de outras pessoas, a dirigida tem um propósito final com regras já definidas”*. Dessa forma é função do professor oportunizar situações de brincar livre e direcionado no âmbito escolar tentando atender as necessidades de aprendizagem das crianças.

Por fim, a coordenadora Zefinha concorda, dizendo que *“sim, existe diferença, porque a brincadeira livre tem a questão da espontaneidade, a criança vai trazer pra brincadeira o universo dela, muitas coisas que ela vivencia na família, ela se sente mais a vontade para brincar”*. Silva afirma que

O brincar livre oferece oportunidades para as crianças descobrirem, formularem e resolverem seus próprios problemas, através das experiências prévias, e as levam a examinarem novos materiais e recursos que, por sua vez, precisarão ser explorados antes de serem usados. (SILVA, 2007, p. 09).

Sendo assim, existem certas diferenças entre as brincadeiras livres e direcionadas, as quais podem ser sanadas pelo complemento que as duas juntas podem proporcionar para o processo de formação da criança.

Dando continuidade com a entrevista, perguntamos às professoras e para a coordenadora *“quais as contribuições da brincadeira livre na Educação Infantil.”* A professora Carla nos informou que *“são várias: a interação social, o desenvolvimento da criatividade”*. A este sentido, de acordo com Brougère (2010), a criança não nasce

sabendo brincar. Ela aprende com as pessoas que convivem com ela. “Ela aprende, justamente, a compreender, dominar, e depois produzir uma situação, específica, distinta de outras situações” (BROUGÈRE, 2010, p. 105). Refere-se, portanto a um aprendizado social, não passivo, mas ativo na proporção em que a criança assimila os elementos do mundo que a envolve e os refaz em forma de brincadeira.

A professora Maria nos disse que *“ajuda na aprendizagem, eles vão construindo, criando histórias, interagindo entre si, eles apresentam coisas da realidade deles, eles colocam muito isso nas brincadeiras, anseios e desejos do que querem ser”*. As brincadeiras não são apenas momentos de lazer, como já foi dito, elas podem transparecer na brincadeira problemas familiares, desejos próprios que elas venham a ter.

Para a coordenadora Zefinha a brincadeira livre *“contribui para a construção da identidade da criança, na expressividade dela, ela consegue ser mais natural, se inserindo no grupo dela”*. Isto é enfatizado por Borba (2006, p. 41) ao dizer que *“Nesse processo, [as crianças] instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais”*. A criança possui uma facilidade enorme em interagir com outras pessoas, mesmo que as tenha acabado de conhecer e a brincadeira auxilia nesse processo de inserção em demais grupos que ela venha a conviver.

Para encerrar a entrevista perguntamos as professoras se elas *“percebem diferenças e/ou semelhanças entre o brincar livre na zona rural e zona urbana.”* A professora Carla disse que *“não tive essa experiência, só na zona rural, mas acredito que não exista diferença, eles são muito urbanizados, pelas crianças que conheço na zona urbana é a mesma realidade da zona rural”*. O que podemos perceber é que a professora acredita que não exista diferença, pois devido ao grande avanço dos centros urbanos, as crianças que vivem na zona rural estão aos poucos assimilando diversas culturas além das suas.

Já a professora Maria diz que *“sim, tem as semelhanças que todos eles colocam a realidade deles, colocam também, sonhos e desejos, mas os da zona rural têm suas próprias realidades, com o meio ambiente e a natureza”*. Diante da fala da professora, percebemos que ela consegue apontar diferenças culturais e regionais existentes nas zonas urbanas e rurais. Entretanto, essas duas realidades apresentam ambientes e situações diferentes em relação a como vivem e brincam. E por fim, a coordenadora Zefinha afirma que *“sim, embora eu tenha iniciado o trabalho na zona rural há pouco*

*tempo, eu percebo que as crianças são mais disciplinadas na zona rural*”. A fala da coordenadora contraria um pouco o que diz a professora Carla. A coordenadora acredita na diferença sim, pois como ela diz, a disciplina de crianças da zona rural é mais presente.

A entrevista realizada com as professoras e com a coordenadora demonstra clareza sobre o brincar, mostrando que elas estão bem amparadas no que diz respeito a estudos e metodologias para se trabalhar. Ficou evidente também que a brincadeira é algo bem presente nos planejamentos, segundo as entrevistadas, e faz parte do cotidiano das crianças.

### **3.9 Teste do Par Educativo - TPE**

Trata de um teste projetivo que tem por objetivo observar a relação do aluno com a aprendizagem através do desenho. No nosso caso, mais especificamente, procuramos “reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante nas projeções das crianças”. E através dele, foi possível perceber não só as questões que implicam na relação do professor com a criança, mas dela consigo mesmo, com a família e com os colegas. O Teste do Par Educativo (TPE),

[...] também pode ser concebido como unidade relacional e condição para o estabelecimento de bases de aprendizagem, tendo assim, como ponto de partida, o desenvolvimento do ser humano como um eterno aprendiz. Portanto, esta unidade chamada de Par Educativo pode ser um indicador de valoração da atribuição afetivamente atribuída no processo de ensino-aprendizagem. (SILVA et al., 2016, p. 48).

Participaram do TPE 09 crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos. Embora aplicando o estímulo: *solicitar à criança que desenhe uma pessoa aprendendo e outra ensinando*, algumas crianças inseriram no seu desenho, situações domésticas/familiares ou outros elementos que ampliam a nossa interpretação para além do ensino-aprendizagem, ajudando-nos a perceber que as emoções estão por toda parte. Também entramos na defesa de que, a criança, embora esteja no seu espaço escolar, ela é singular e traz para este espaço toda sua vida privada, que deve ser levada em consideração pela professora e demais profissionais da escola.

Então, quando chegamos à escola para aplicação do TPE, mesmo de posse do TCLE assinado pelos pais/responsáveis pela criança, como já dito anteriormente, sentimos a necessidade de explicar para as crianças o nosso objetivo e pedir seu

consentimento, caso aceitassem participar, e também assinassem um TCLE. Todas que estavam presentes aceitaram participar e assinaram do seu jeito (algumas ainda não assinavam o nome convencionalmente), o Termo de Consentimento. Nesse dia, uma das crianças que não tínhamos conseguido falar com sua mãe, solicitou participar da pesquisa, e embora explicando o porquê dela estar impedida, foi insistente e recebeu o aval da professora, que nos convenceu da sua participação e coleta da assinatura da sua mãe posteriormente. Aceitamos, e o que presenciamos foi uma criança desejosa de conversar, falar das suas fantasias e contar histórias sobre seres imaginários, independente do estímulo recebido no TPE. Como não foi possível o encontro com a mãe para que adquiríssemos a permissão, não exporemos, nem analisaremos o seu desenho.

Outro dado que nos chamou a atenção, foi que quando chegamos à escola, a professora estava com marcas na roupa que nos indicava a proximidade e a liberdade da brincadeira na sala de aula. Ao questionarmos, sua calça suja de poeira, ela explicou que estava contando história para as crianças, sentada no chão junto com elas, o que foi confirmado, posteriormente e corroborado, espontaneamente, na sua entrevista (Carla). Este é um dos aspectos que nos faz considerar que esta professora reconhece as especificidades da Educação Infantil e das crianças como sujeitos singulares e de direitos, em que se colocando no mesmo nível que elas, os saberes são compartilhados, mediados e aprendidos conjuntamente, numa prática em que cuidar/educar estão presentes. Desta forma, promover uma atividade de contação de história, num espaço físico em que se acredita na possibilidade de fazer emergir o sonho e a imaginação, é imperativo, pois,

A contação de história é atividade própria de incentivo a imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Prosseguindo, voltamos ao TPE. Para a aplicação do teste, entregamos para as crianças, uma folha A4, sem pauta, um lápis grafite e uma borracha, e pedimos para que as mesmas desenhassem uma “cena”, a partir do seguinte estímulo: “*Desenhe uma pessoa ensinando e outra aprendendo*”. Após a realização do desenho, pedimos para que ela nos contasse o que estava se passando naquele desenho e a partir daí, foram



surgindo suas histórias, e através dos desenhos, analisamos suas falas. Nossa conversa foi gravada e posteriormente, transcrita para análise.

Em uma sala reservada, fomos chamando as crianças uma por vez. Após explicarmos nosso objetivo, coletamos sua assinatura no TCLE, aplicamos a frase estímulo e a deixamos a vontade para que realizassem seus desenhos e depois conversamos sobre o que haviam desenhado. Sugerimos que falassem sobre a cena, perguntamos o nome dos personagens, alguns colocavam seus próprios nomes e usavam o nome da professora da sala. Outras davam um nome que gostavam ou um nome de um amigo. Solicitamos que falassem sobre o que desenharam, quem ensinava, quem aprendia, o que ensinava, o que gostava de aprender, entre outras questões surgidas a partir das falas das crianças. Finalizado a entrevista, solicitamos que grafassem seu nome e sua idade. Como nosso objetivo era primar pelo anonimato da criança, criamos um pseudônimo para identificá-la. Quanto à idade, poderemos verificar em alguns desenhos, que algumas crianças não conseguiam grafar sua idade sem recorrer a sequência numérica, assim, quando uma criança afirmava ter 5 anos de idade, escrevia 1, 2, 3, 4, 5. A seguir, apresentamos os resultados obtidos com o TPE.

Embora a escola não ofereça espaço suficiente para as crianças brincarem, como já descritos no perfil da escola, umas brincam com a imaginação e nos espaços que oferecem mais segurança (sala de aula), e outras se arvoram nos corredores, como poderemos ver nos relatos na íntegra (Apêndice H), nos fragmentos e discussões a seguir, como o de Ágata.

Ágata é uma criança que demonstra, através do seu desenho, certa introspecção. Porém, frente as nossas indagações revelou-se bastante interativa na conversação. Segundo sua professora, Ágata demonstra ser *“uma criança bem esperta, está no nível bom de aprendizagem, é brincalhona, gosta de conversar e faz suas tarefas”*.

No diálogo com Ágata ela revela o brincar como uma atividade realizada fora de sala de aula, quando afirma que na hora do recreio *“não brinca porque tem medo de cair”*, ao mesmo tempo, diz que fica na sala brincando de *“escorregar no chão”*. Desta forma, deduzimos que a brincadeira livre está presente no seu cotidiano, seja na sala com as bonecas; sozinha, ou em casa com o irmão ou a mãe. Como veremos fragmentos da entrevista a seguir:

**Figura 01- TPE: Desenho realizado por Ágata, 6 anos**



*Fonte: dados da pesquisa, 2018.*

PESQUISADOR: Quem é essa pessoa?

AGATA: A professora.

P: Qual professora?

A: A minha.

[...]

P: Ela faz o que na sala?

A: Manda nós fazer tarefa só.

P: Ela deixa vocês brincarem?

A: “Bota” nós pra brincar com as bonecas e os “home” com as pecinhas.

P: Vocês dividem os brinquedos?

A: É, só os meninos “home”, os outros *pega e fica chorando*.

P: Mas você gosta de brincar mais com o quê?

A: Com as meninas.

P: Mas, quais os brinquedos?

A: Boneca só.

P: O que tu gostas de fazer mais na sala, brincar ou fazer tarefa?

A: Brincar e fazer tarefa.

[...]

P: E em casa tu brincas?

A: Brinco mais com meu “irmãozin”.

[...]

P: E aqui na escola a professora brinca contigo?

A: Só de boneca, senta mais nós.

P: E na hora do recreio vocês brincam?

A: Eu num brinco não, tenho medo de cair.

P: E fica fazendo o que na hora do recreio?

A: Fico dentro da sala.

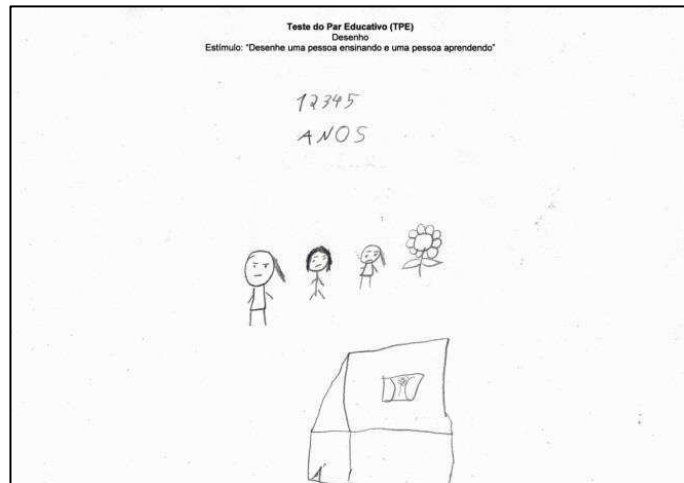
P: E dentro da sala brinca?

A: Brinco de escorregar no chão.

Apresentamos agora Ísis, que segundo sua professora, “*é uma criança excelente, tem um ótimo desenvolvimento, ela tem a capacidade de aprender tudo o que*

é “passado”, com muita facilidade, ela ajuda na sala, gosta de ajudar os outros colegas.”

**Figura 02 - TPE: Desenho realizado por Isis, 5 anos**



*Fonte: dados da pesquisa, 2018.*

PESQUISADOR: No teu desenho, quem é a pessoa que está ensinando?

ISIS: É você.

P: Mas quem são essas pessoas que você desenhou?

ISIS: “Mainha”, eu e minha irmã.

P: Me fala do teu desenho, o que eles estão fazendo?

ISIS: Aguando as plantas.

P: Eles gostam de aguar as plantas?

ISIS: Sim.

P: Quem é que gosta mais de aguar as plantas?

ISIS: Minha mãe e minha irmã.

P: Quem é você aí?

ISIS: Essa aqui [aponta para a do meio].

[...]

P: Ela gosta de brincar de quê?[apontando para o desenho do meio]

ISIS: Eu?

P: Sim.

ISIS: De fazer comidinha.

P: Onde é que ela gosta de brincar?

ISIS: Na mesa.

P: Em que mesa?

ISIS: No lado de fora.

P: Na mesa de onde, da tua casa ou daqui?

ISIS: La de casa.

P: Aí, brinca só na mesa?

ISIS: Nos cantos.

P: Como é brincar nos cantos?

ISIS: Na casa da minha vó, na casa da minha “madinha” e na casa da minha outra “madinha”.

P: E na escola tu brincas?

ISIS: Brinco com brinquedo.

P: Brinca com brinquedo onde?

ISIS: Na sala.

P: Onde mais você brinca na escola?  
 ISIS: Só na sala.  
 P: E num brinca fora da sala não?  
 ISIS: Sim.  
 P: Brinca onde?  
 ISIS: Na hora do recreio.  
 P: E na hora do recreio tu gostas de brincar de quê?  
 ISIS: De pega-pega.  
 P: Aí, tu gostas de brincar em qual lugar?  
 ISIS: Lá em cima [corredor da entrada da escola].  
 [...]  
 P: O que você mais gosta de brincar na escola?  
 ISIS: Esconde-esconde.  
 P: Você brinca com sua professora também?  
 ISIS: Sim.  
 P: Ela brinca de quê?  
 ISIS: Contar letrinhas.  
 P: E como é que conta letrinhas?  
 ISIS: ABC DEFG HIJKLMNOP... (Cantando)  
 P: E ela brinca de que mais?  
 ISIS: Rezar  
 P: Como é que brinca de rezar?  
 ISIS: Não é pra brincar não, é pra rezar.

No seu desenho, ela demonstra uma relação de proximidade com a família e com a natureza. E embora, perguntássemos sobre sua relação na escola, é na família que o brincar se faz mais presente. Ainda em seu desenho pudemos perceber a semelhança entre a mãe [primeira imagem] e a irmã [terceira imagem]. Ísis se diferencia das duas, porém, como nosso propósito não é fazer uma análise psicológica sobre o ser/estar na família, não adentramos nesse detalhe. No relato, Ísis descreve as tarefas que a mãe e irmã gostam de fazer: “*aguar as plantas*”, enquanto ela “*brinca na mesa ou nos cantos*”. Importante informar que na cultura em que Ísis está inserida, “*brincar nos cantos*”, é sair dos espaços onde acontece o trânsito doméstico, o que podemos ver em seu relato que este espaço não acontece na escola, sugerindo que nela, você pode brincar na sala quando a professora “*ensina as letrinhas*” ou com brinquedos, nos momentos de aula ou mesmo no recreio, e fora de “*pega-pega, esconde-esconde*”. Na sala também acontece o momento da oração, que talvez seja aplicado pela professora de forma lúdica, visto que esta veio à sua mente ao relatar a brincadeira; embora não se configure como tal, quando revida o pesquisador ao perguntar “*como se brinca de rezar*”, afirmando que “*não é pra brincar não, é pra rezar*”.

A seguir, apresentamos Raquel, que através do diálogo, percebemos que ela é uma menina bem participativa e que segundo sua professora “*é excelente, ela tem um*

*desenvolvimento e aprendizagem muito boa, muito atenciosa, cumpri com todas suas atividades, inclusive ela já lê com fluência”.*

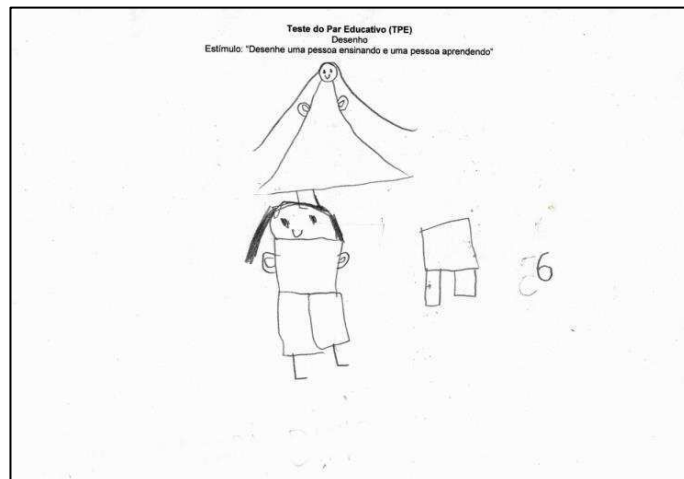
Quando questionada sobre quem eram os personagens do desenho, diz que a pessoa na parte de cima da folha é sua professora e abaixo é Gilvan. Questionada se pertence a sua sala, se detém em descrever o tamanho do seu cabelo. Ela ainda fala que gosta muito de matemática e começa a fazer contas de adição.

Quando foi falado sobre o brincar, ela foi bem enfática: “*eu gosto de brincar de amarelinha*”, e pulando durante o diálogo ela demonstra como se brinca de amarelinha. Faz-se necessário informar que a escola possui uma amarelinha que foi pintada no chão em um dos espaços da escola, especificamente entre a parede frontal que divide a escola da comunidade (descrito com mais detalhes no perfil da escola).

A amarelinha é um jogo que possui regras, algo que não é utilizado nas brincadeiras livres com tanta frequência, contudo, quando as crianças estão brincando elas mesmas mudam as regras ou mudam completamente a maneira de como brincar, assim foi, quando brincamos com as crianças (no momento do recreio, suspendemos as entrevistas para que as crianças pudessem vivenciar este período de pausa das atividades em sala de aula, para estarem em atividades livres), algumas mostraram outras maneiras de brincar de amarelinha, além da convencional, como, pular sem alternar os pés e/ou fazer toda a trajetória de costas.

Ainda sobre a brincadeira, Raquel diz que em casa gosta de brincar de casinha, e brinca sozinha, pois não tem irmãos, embora tenha uma prima que imaginamos não seguir as regras estabelecidas por ela, pois de acordo com sua fala: *ela bagunça tudo*. Vejamos:

**Figura 03 – TPE: Desenho realizado por Raquel, 6 anos**



*Fonte: dados da pesquisa, 2018.*

PESQUISADOR: Quem é essa?  
 RAQUEL: Minha professora.  
 [...]  
 P: E tu gostas de brincar?  
 RAQUEL: Eu gosto de brincar de amarelinha  
 P: Em casa tu brincas de quê?  
 RAQUEL: De casinha  
 P: Tu brincas com quem?  
 RAQUEL: Brinco sozinha  
 P: Tu tens irmãozinhos?  
 RAQUEL: Não, tenho prima.  
 P: Tu brincas com tua prima?  
 RAQUEL: Não, ela bagunça tudo.

Apresentamos agora Marina. Ela trouxe no seu desenho os seus pais. Quando foi perguntado quem eram aquelas pessoas que ela desenhou ela disse que era seu “*Papai*” [à esquerda] sua “*Mamãe*” [no meio] e por fim ela seria a que estava à direita. Marina afirma ainda que seus pais estavam ensinando “*a fazer o dever de casa*”. Cabendo aqui ressaltar que é de extrema importância à participação dos pais na educação dos filhos, lembrando que, quando falamos sobre “participar da educação” não é apenas ir às reuniões escolares, ouvir se a criança está indo bem ou mal, é muito mais que isso, faz-se necessário que os pais procurem auxiliá-los em todos os seus déficits, apoiando e não reprimindo, caso contrário, provavelmente isso vai gerar problemas no seu desenvolvimento.

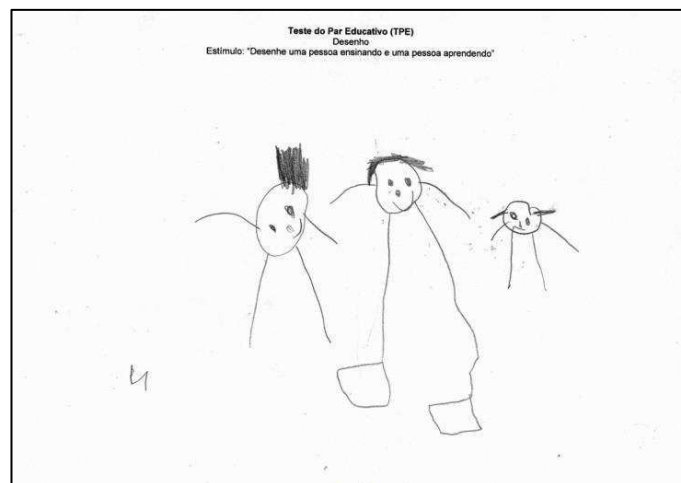
Segundo a professora, “*Marina é uma criança muito atenciosa, porém, às vezes esquece... eu percebo que ela esquece as letras, ou quando estou contando uma história e vamos interpretar aí eu percebo que ela esquece, mas é uma menina muito calma.*” Não era nosso objetivo acompanhar Marina para identificar algum déficit, mas durante a realização do TPE, ela mostrou ser bem direta nas respostas como pode ser visto a seguir.

Quando foi perguntado se ela gosta de brincar na escola, Marina disse que gosta de brincar “*de boneca*” e ela brinca de “*mamãe e filhinha*” com seus amigos que não foi dito se são da mesma sala. Na hora do recreio Marina disse que gosta de brincar de “*pega-pega com Gilvan e Maysa*”, as mesmas crianças que ela brinca de mamãe e filhinha. Perguntamos ainda quais lugares ela brincava e a mesma disse que era “*correndo por aí*” [referindo-se aos corredores da escola].

Marina diz também que sua professora brinca com ela e com seus colegas, isso mostra a importância da participação dos (as) professores (as) nas brincadeiras das crianças, pois quando os mesmos percebem essa importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança, montam espaços e ações que possibilitam a criança a avançar nesse processo, fazendo a mediação durante o brincar. Quando o (a) professor (a), intervir na brincadeira da criança, deve-se estimular e problematizar as ações das crianças, assim estará contribuindo para o seu desenvolvimento nos aspectos socioafetivo, cognitivo, psicomotor e linguístico. Neste sentido, “Argumenta-se que os educadores têm um papel-chave a desempenhar: ajuda as crianças a desenvolver o seu brincar. O adulto pode, estimular, encorajar ou desafiar a criança a brincar de formas mais desenvolvidas e maduras”. (MOYLES, 2006, p. 30).

Ainda sobre o brincar, quando foi perguntado a ela, se “*eles brigavam pelos brinquedos*” ela foi bem enfática e disse que “*divide os brinquedos*” e quando acontece de ter alguma briga na sala “*à professora briga também*”. Perguntamos a Marina se ela brincava com a mãe, ela respondeu que “*às vezes*”, e Marina tem irmãos, porém, como “*eles só brigam*” nos parece que ela prefere brincar sozinha ou com amigas.

**Figura 04 - TPE: Desenho realizado por Marina, 5 anos**



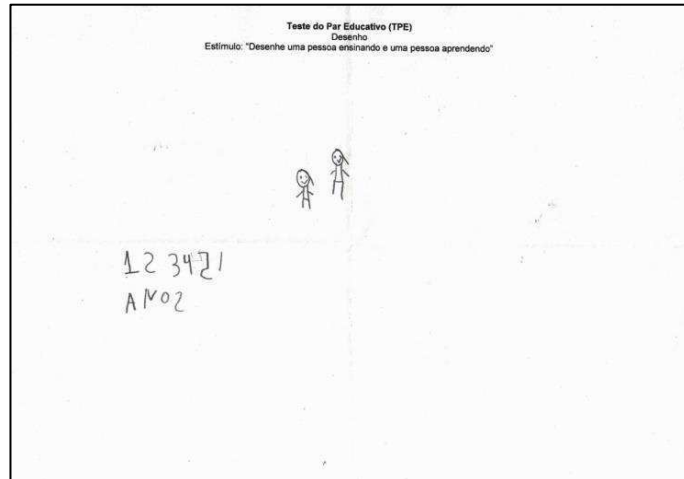
Fonte: dados da pesquisa, 2018.

No desenho a seguir, mais uma cena em que aparece mãe e filha, na qual a mãe está ensinando as atividades para sua filha.

Segundo relatos da professora, Joice “*é excelente, mas ela tem medo do novo, mas depois que se acostuma ela consegue desenvolver bem tudo o que faz*”. Contudo, o

medo, da mesma maneira que outros sentimentos são fundamentais no processo de aprendizagem das crianças para seu desenvolvimento.

**Figura 05 – TPE: Desenho realizado por Joice, 5 anos**



*Fonte: dados da pesquisa, 2018.*

PESQUISADOR: Quem é essa pessoa?

JOICE: Minha mae [à direita]

PESQUISADOR: E quem é essa daqui?

JOICE: Eu [à esquerda]

[...]

PESQUISADOR: Tu gostas de brincar?

JOICE: De boneca

PESQUISADOR: Onde?

JOICE: Em casa e aqui [na escola]

PESQUISADOR: E na hora do recreio você gosta de fazer o quê?

JOICE: Ficar quieta... não gosto de correr não!

PESQUISADOR: Por quê?

JOICE: Porque eu não gosto

PESQUISADOR: E na sala tu brincas?

JOICE: Brinco

PESQUISADOR: De quê?

JOICE: Escorregar, pega-pega

PESQUISADOR: A professora brinca também?

JOICE: Ela conta história pra nós

Quando foi perguntado a Joice se ela gosta de brincar, rapidamente diz que “*de boneca*”, em casa e na escola, entretanto, ela diz que na hora do recreio gosta de “*ficar quieta... Não gosto de correr não*”, mas brinca na sala de aula de “*escorregar [no chão da sala] e pega-pega*”.

Quando perguntamos se a professora brincava com ela e os colegas, ela nos disse que “*ela conta história pra nós*”, dando a entender que a maneira como a professora conta as histórias seja de certa forma uma brincadeira, nas quais as crianças



estão inseridas na história, pois ao ouvir ou ler uma história as crianças podem associar as suas vivências, fazendo com que essa associação ajude as crianças no processo de identificação com as situações encontradas no seu cotidiano.

Bettelheim, em *Psicanálise dos Contos de Fadas*, ainda diz que,

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 1980, p, 13).

Ainda sobre o brincar, quando foi questionada se ela brinca em casa, ela nos disse que “*brinca de boneca*”, e brinca sozinha mesmo tendo uma irmã, que provavelmente não brinque com ela por ser mais velha.

Seguindo, apresentamos o desenho de Mônica. Quando perguntado quem eram aquelas pessoas que estavam no desenho, ela nos disse que [à esquerda] é “*a professora Helena*”, e ela está ensinando a “*Edilson*” [à direita], pessoas que não fazem parte do círculo escolar ou familiar de Mônica, conforme verificado. Quando terminou de desenhar, perguntamos o que a professora Helena estava ensinando a Edilson e ela disse: “*Ela gosta de ensinar ballet a Edilson*”; e ainda que: “*ele gosta, ele dá presente*” e que Edilson também “*Gosta de ginástica e passear nos campos, brincar de trenzinho e de brinquedos*”. Não procuramos adentrar no assunto, para não fugir do nosso foco, mas podemos inferir que questões de gênero são nítidas na fala de Mônica, revelando que meninos também praticam ballet, ginástica e passeiam pelos campos sem deixar de ser menino.

Sobre o brincar, Mônica ainda diz: “*Brinco de boneca e carrinho com meus amigos*”, algo mais a se atentar, pois não é tão raro ver meninas brincando de carrinho, por ser considerada uma “brincadeira de menino”. A diversidade dos brinquedos e as várias opções de brincadeiras que o ambiente escolar proporciona, deve favorecer para que todos os espaços sejam ocupados por meninos e meninas. As crianças devem brincar espontaneamente com os brinquedos que forem escolhidos, sem constrangimentos.

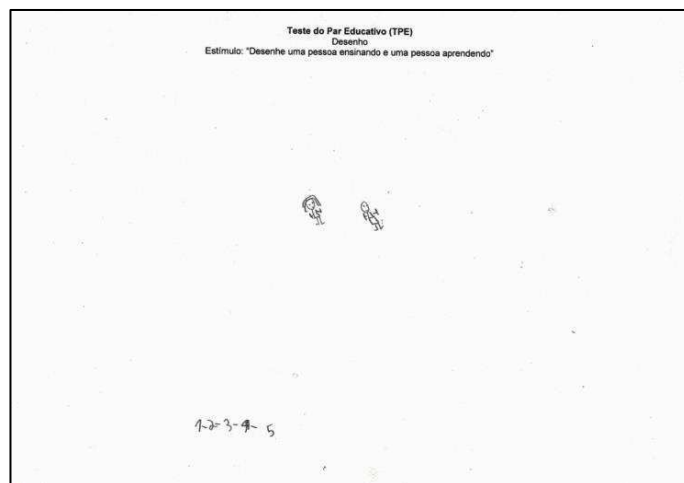
Louro (1997, 2000, 2002) ressalta que a escola é fundamental neste processo. Seus estudos apontam para o modo como as instituições e suas práticas ensinam certas concepções, fazendo com que certas condutas e formas de comportamento,

diferenciadas pelo sexo, sejam aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase “naturais”. “Tal ‘naturalidade’ tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas”. (LOURO, 1997, p. 56).

Ao finalizarmos com o diálogo, questionamos Mônica se ela brincava no recreio, respondeu que “Não”, pois, “*minha mãe não deixa, tem medo de eu me machucar*”. Algo que é presente na Educação Infantil e nos anos iniciais é o medo dos pais que seus filhos se machuquem, e acabam os envolvendo em uma bolha.

A professora de Mônica ainda diz que ela “*é uma menina excelente, está quase lendo. Desde o pré 1 ela mostra um desenvolvimento muito bom, ela é muito caprichosa, gosta de desenhar, gosta de organização*”. Vejamos com mais detalhe, a seguir:

**Figura 06 – TPE: Desenho realizado por Mônica, 5 anos**



*Fonte: dados da pesquisa, 2018.*

PESQUISADOR: Quem é que esta ensinando?

MONICA: A professora Helena

P: E quem está aprendendo?

MONICA: Edilson

P: A professora está ensinando o quê?

MONICA: Ela gosta de ensinar ballet a Edilson

P: E Edilson gosta de aprender?

MONICA: Ele gosta, ele dá presente

P: Edilson gosta mais de quê?

MONICA: Gosta de ginástica e passear nos campos, brincar de trenzinho e de brinquedos.

P: E você brinca de quê?

MONICA: Brinco de boneca e carrinho com meus amigos.

P: E no recreio você brinca?

MONICA: Não

P: Por quê?

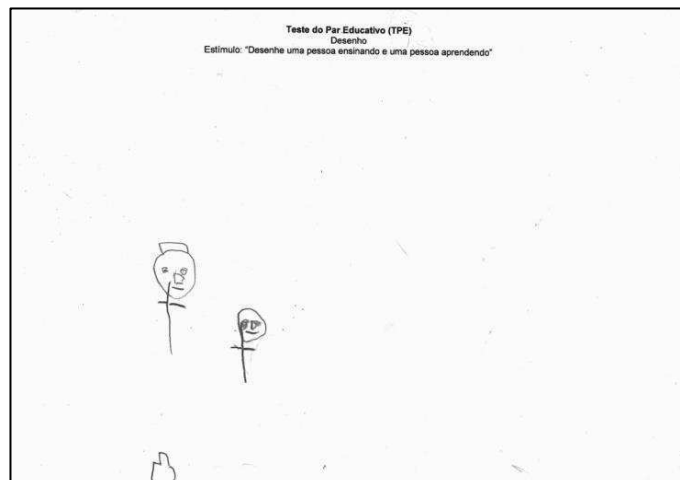
MONICA: Minha mãe não deixa, tem medo de eu me machucar.

Agora conheçamos Pedro. A professora nos disse que Pedro “*chegou há pouco mais de um mês na escola, mostra-se ser um garoto muito esperto, é obediente. Estou trabalhando com ele as letras do nome dele, pois ele não conhece o seu nome*”. Quando aplicamos o TPE para Pedro, ele mostrou muita destreza em realizar o que foi pedido, nos revelando, o que talvez, fosse um acontecimento que se passou na sua família.

Quando perguntamos sobre quem era que estava ensinando e quem estava aprendendo, ele nos disse que “*ele [à esquerda] tá ensinando que não pode prender*”, e continuamos, “*ensinando a quem?*” Ele respondeu “*a esse, [à direita] porque se prender não solta mais e porque os filhos ‘fica’ triste... minha mãe disse: ‘tá preso aí bichinho’... aí ele correu..., meu pai quebra as coisas e quer matar meu tio*”. O que podemos deduzir é que essa criança passou por momentos conflituosos em sua casa e através do seu desenho pode expressar o que aconteceu naquele momento, talvez um *flash* de memória traduza a sua angústia.

Então, perguntamos quando a pessoa do desenho [à direita] gostava de brincar, a partir daí ele começou a se inserir dizendo: “*eu gosto de brincar de arma porque meu pai tem uma arma em casa..., quando eu crescer vou ser policial*”. Em seguida questionamos, “*porque você quer ser policial?*” Rapidamente ele fala frases e ações aparentemente soltas e sem sentido, diz: “*a polícia foi lá em casa de manhã... Meu pai botou uma luz na minha cara...*”, como se estivesse lembrando fatos que aconteceram anteriormente, daí em diante ele traz falas aparentemente fora de contexto, como por exemplo, “*você sabia que eu saí da barriga de minha mãe?*”

**Figura 07 – TPE: Desenho realizado por Pedro, 5 anos**



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

PESQUISADOR: Quem está ensinando e quem está aprendendo?

PEDRO: Ele tá ensinando que não pode prender.

P: Está ensinando a quem?

PEDRO: A esse, porque se prender não solta mais e porque os filhos “fica” triste, minha mãe disse *ta preso ai bichinho* ai ele correu, meu pai quebra as coisas e quer matar meu tio.

P: Quando ele gosta de brincar?[aponto o desenho à direita]

PEDRO: Eu gosto de brincar de arma porque meu pai tem uma arma em casa. Quando eu crescer vou ser policial.

P: Por que você quer ser policial?

PEDRO: A policia foi lá em casa de manhã... Meu pai botou uma luz na minha cara...Você sabia que eu saí da barriga de minha mae?... Minha vó disse *foi pra dentro daqueles matos...* Eu fui na delegacia.

P: Você viu seu pai?

PEDRO: Sim

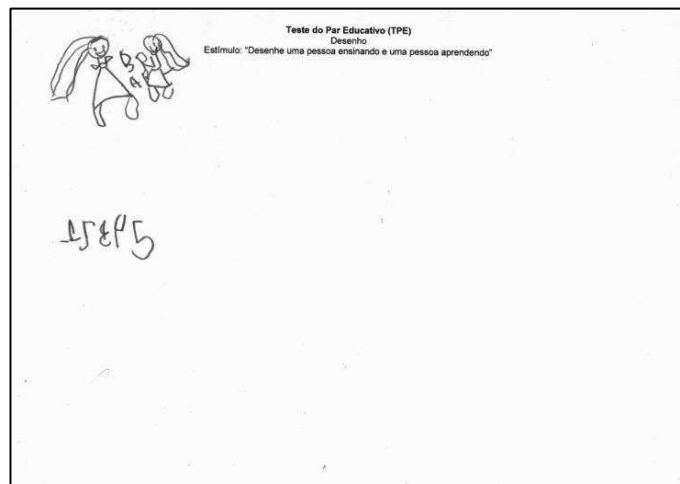
P: Você deu um abraço bem forte nele?

PEDRO: Sim.

Continuando, vejamos o que diz a próxima criança, nomeada de Valmir. Quando começamos a questioná-lo, a princípio demonstrou dificuldade em se projetar, visto que, o teste projetivo nos permite a viver personagens e desempenhar papéis em que o faz de conta possibilita projetarmos nossas emoções.

Quando foi perguntado quem era a pessoa que estava ensinando, ele nos respondeu “*E eu sei!!!...É só um desenho!*” Paramos um pouco, repensamos e reelaboramos a pergunta com a finalidade de ajudá-lo, “*Você gosta de desenho animado?*” Ele disse que “*Sim*”. Então esclarecemos que seria praticamente a mesma coisa, ele precisaria dar nomes aquelas pessoas que estavam no desenho e falar sobre elas. Então perguntamos como era o nome da pessoa [à esquerda], ele disse “*É Valmir*”, e da outra pessoa [à direita], novamente ele diz, “*É Valmir também*”. “*E o que é que Valmir ta ensinando a Valmir?*” Esperavamos outra resposta, entretanto ele voltou à fase inicial e respondeu, “*E eu sei, é só um desenho!*” Continuamos com o diálogo perguntando: “*Valmir gosta de brincar?*” Ele disse que “*Sim*”, e ainda continuamos: “*gosta de brincar de quê na sala?*” Rapidamente ele respondeu “*De vivo morto*”. Por fim, perguntamos, se “*gostava de brincar no recreio*”, ele disse que “*de pega-pega*”.

**Figura 08 - TPE: Desenho realizado por Valmir, 5 anos**



*Fonte: dados da pesquisa, 2018.*

PESQUISADOR: Como é o nome dessa pessoa que está ensinando?

VALMIR: E eu sei!!! é só um desenho!!!

P: Você gosta de desenho animado?

VALMIR: Sim

P: Pois é a mesma coisa, a gente precisa dar nomes a eles, entendeu?

VALMIR: Entendi

P: A gente pode chamar essa pessoa com que nome?

VALMIR: De Valmir

P: Certo. E Valmir está ensinando a essa pessoa e essa pessoa está aprendendo?

VALMIR: É

P: E como é o nome dessa pessoa que está aprendendo?

VALMIR: Valmir também

P: O que é que Valmir está ensinando a Valmir?

VALMIR: E eu sei!!!!, é so um desenho!!!!!!

P: E Valmir gosta de brincar?

VALMIR: Sim

P: E Valmir gosta de brincar de quê na sala?

VALMIR: De vivo morto

P: E na hora do recreio Valmir gosta de brincar de quê?

VALMIR: De pega-pega.

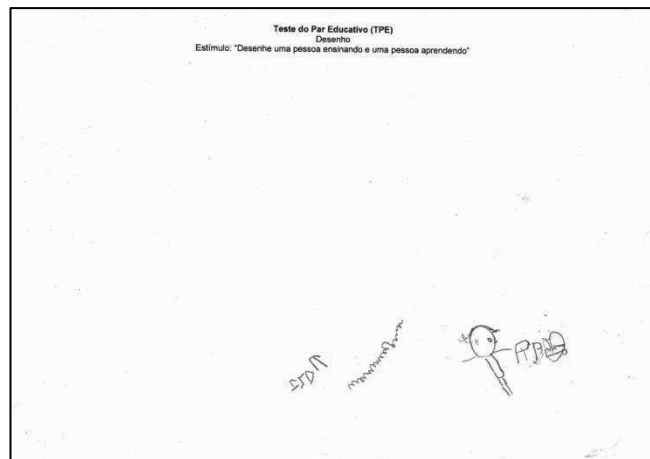
Conversando com a professora, ela afirma que, “*ele é bem esperto, porém, não cumpre com todas suas atividades. Ele não é tão assíduo nas aulas, algumas tarefas de casa vêm em branco. Ele tem problemas familiares, eu o ajudo a fazer as tarefas de casa. Ele é muito inteligente, assimila tudo com muita facilidade*”. Os problemas familiares que a professora citou anteriormente talvez seja um dos fatores que causam dificuldades em ampliar a imaginação de Valmir.

A seguir, apresentaremos Jacinta. Ela “*é uma menina muito esperta, tem uma facilidade na aprendizagem das atividades*”, estas são as palavras de sua professora ao perguntarmos como era a menina em sala de aula.

Após realizar o desenho começamos a conversar com Jacinta e ela nos disse que iria me desenhar. Perguntamos “*quem estava ensinando e quem estava aprendendo*”, em seguida ela disse [apontando para o desenho da pessoa à esquerda] “*tá ensinando*”, ao lado da pessoa [à direita] tinha rabiscos que mais à frente ela disse que “*É Gustavo*”, seu primo. Continuamos perguntando, “*O que é que ela ensina a Gustavo que ele gosta?*” Jacinta nos responde preocupada, que “*Gustavo não gosta de aprender, ele não fala...*”

Ainda no diálogo perguntamos se Jacinta “*gosta de aprender*”, ela diz que “*gosto de brincar de castelo*”, então perguntamos de “*quais outras brincadeiras ela gosta de brincar*”, ela diz que “*gosta de brincar de mamãe e filhinha com minha irmã*”. Pedimos que ela nos ensine a brincar de mamãe e filhinha, [mostrando como se faz] ela diz “*eu boto ela no colo que ela é menorzinha que eu, ela é bem pequeninha*”.

**Figura 09 – TPE: Desenho realizado por Jacinta, 5 anos**



*Fonte: dados da pesquisa, 2018.*

PESQUISADOR: Desenhe uma pessoa aprendendo

JACINTA: Eu vou desenhar você

P: E essa daqui está ensinando ou aprendendo?

JACINTA: Tá ensinando

P: Agora desenhe uma pessoa aprendendo

JACINTA: As letras?

P: E cadê a pessoa?

JACINTA: É Gustavo

P: O que é que ela ensina a Gustavo que ele gosta?

JACINTA: Gustavo não gosta de aprender... ele não fala... é meu primo

P: E você gosta de aprender?

JACINTA: Gosto

P: Tu gostas de aprender o quê?

JACINTA: Gosto de brincar de castelo

P: E de que mais tu gostas de brincar?

JACINTA: De mamãe e filhinha com minha irmã

P: Como é que brinca de mamãe e filhinha?

JACINTA: Brincando de mamãe e filhinha

P: Me ensina, que eu não sei!

JACINTA: Eu boto ela no colo que ela é menorzinha que eu, ela é bem pequeninha.

Após esta experiência, acreditamos que atualmente os professores têm participado de formações em várias áreas do conhecimento e é necessário que os mesmos mudem suas atitudes com relação às produções dos seus alunos, não adianta dar apenas desenhos prontos para que as crianças apenas possam colorir, isso promove um déficit na aprendizagem dos alunos, pois, ficar preso em uma única proposta, como modelos estereotipados não desenvolverão o senso criativo das crianças. (IAVELBERG, 2013).

A realização do TPE nos mostrou que através dos desenhos, as crianças podem entrar em contato com o mundo imaginário, representando a sua realidade. Alguns usaram dessa imaginação para nos contar momentos que se passam em seu ambiente familiar, outros foram ainda mais imaginativos e criaram situações com personagens fora da realidade, desenvolvendo histórias interessantes e bem inusitadas.

Através das análises percebemos que todas as crianças estão em níveis de desenho semelhantes, nessa situação encontramos a criança em fase de transformação de sua realidade, pois “cada apresentação gráfica, portanto, é um devir realista e não um fazer atualizado de cada desenhista” (IAVELBERG, 2013, p. 38). Pode-se dizer que, a criança “transforma” a sua realidade, seus momentos bons ou ruins naquilo que está sendo pedido a ela, quer seja um desenho, quer seja uma brincadeira ou qualquer outra atividade que ela venha a participar.

O Teste do Par Educativo (TPE), nos deu respostas bem interessantes quanto aos questionamentos que havíamos levantado, além disso, nos mostrou uma ótica totalmente diferente, deparamo-nos com uma realidade distintas, com crianças que possui varias vivências e histórias para contar, com imaginações para além da sala de aula, de sua casa, mostrando o seu mundo interior e recriando de forma mais adaptável.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este trabalho com a consciência de que ainda são necessários mais estudos e pesquisas que aprofundem os detalhes que ficaram em aberto.

Quando iniciamos, ainda como projeto de pesquisa, encontramos dificuldades em busca de estudiosos que falassem especificamente do brincar livre na Educação Infantil, mas com o passar do tempo, foram surgindo ideias e estudos que deram todo suporte para a elaboração do tema e construção dos objetivos. É importante lembrar que neste trabalho, além do brincar livre, objeto desta pesquisa, incluímos o brincar direcionado, mostrando que ambos possuem diferenças e semelhanças, mas com propósitos iguais, que é contribuir com o desenvolvimento da criança.

A questão inicial para a realização do estudo foi: por quais métodos a brincadeira livre pode influenciar no desenvolvimento da criança? Para responder esta pergunta, o objetivo geral foi o de compreender e analisar a concepção das professoras sobre o brincar livre das crianças na Educação Infantil, sobre isto, entendemos que as professoras percebem a brincadeira livre como algo natural da criança e de extrema relevância no seu processo de formação social, na construção de seu desenvolvimento.

Investigamos como as professoras planejam e desenvolvem as práticas relacionadas ao brincar no seu cotidiano, vimos que as professoras realizam seus planejamentos a cada quinze dias, ocorrendo geralmente nas quintas-feiras na Biblioteca Pública do Município, mas nem todos os professores se fazem presentes, pois alguns moram em outras cidades e não podem comparecer, e estão sempre inserindo a brincadeira como ponto principal para o desenvolvimento das demais atividades que acontecem em sala de aula.

Quando nos propomos a verificar como se dá a orientação sobre a inserção de brincadeiras livres no planejamento das professoras vimos que as mesmas têm o auxílio da coordenadora pedagógica, realizando encontros regulares para dar suporte no processo de planejamento das professoras.

Com as crianças quando buscamos reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante, inferimos que, todas trouxeram para seus desenhos, acontecimentos ocorridos no âmbito familiar; algumas foram cheias de detalhes e outras esquivaram-se, mas sempre nos afirmando que gostam de brincar em casa e na escola com seus colegas. Também tivemos a oportunidade de perceber nas suas singularidades, que umas se mostraram mais carentes, afetivamente e outras bem imaginativas.



Afirmamos ainda, que todas as participantes demonstraram grande apreciação em todo o decorrer da entrevista e afirmaram que desejam receber todos os resultados e análises que foram feitas.

Também enfatizamos o quão é necessário à formação dos professores para que os mesmos possam trabalhar adequadamente com as crianças sem comprometer seu desenvolvimento; e com a realização das entrevistas tivemos a oportunidade de perceber que as professoras demonstraram um grande apreço pela brincadeira em suas aulas, e para isso, o papel da coordenadora pedagógica é fundamental no auxílio da elaboração de planejamento de aulas que oportunizem a brincadeira, algo que também ficou claro durante a pesquisa com a coordenadora, pois ela nos afirmou que a brincadeira é bem presente nos planejamentos realizados.

O papel dos pais e/ou responsáveis foi muito importante, ao aceitarem que seus (suas) filhos (as) participassem da pesquisa, pois, quando não existe o apoio familiar, a criança não conseguirá trabalhar sua sociabilidade com as demais pessoas que fazem parte do convívio extrafamiliar, pois, a família é o “ponto de ignição” para a socialização com outros indivíduos.

Este trabalho também nos mostrou o que outros estudiosos já haviam dito que a brincadeira não é apenas um momento de lazer adotado pela criança apenas nos seus momentos livres, é mais que isso, a brincadeira, seja livre ou direcionada, é algo natural, que já esta inserida na criança desde o seu nascimento e conforme o passar do tempo as contribuições e aprendizados que ela proporciona na criança irão determinar seus níveis de desenvolvimento afetivo, motor, cognitivo e social.

## REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In.: BAUER, M. W.; GASKELL, George (Edits.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 189 – 217.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

BORBA, Â. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, MEC/SEB. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 18 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF

BROUGÈRE, G. Que possibilidades têm a brincadeira? In: BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 104-113.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FORTUNA, T. R. **O lugar do brincar na educação infantil**. Rev. Pátio Educação Infantil. Ano IX, n. 27, Abril/junho. 2011.

FRIEDMANN, A. **O brincar na educação infantil: observações, adequações e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

\_\_\_\_\_, A. **O direito de brincar**. 4 ed. São Paulo: Abrinq, 1996.

IABELBERG, R. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeiras e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, P. M. **Didática e planejamento**. Curitiba: Fael, 2013.

LOBO, J. C. **A importância do brincar na Educação Infantil para as crianças de três a quatro anos.** Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium para graduação em Pedagogia – UNISALESIANO, Lins-SP, 2013.

LOURO, G. L. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. **Gênero, democracia e sociedade brasileira.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

\_\_\_\_\_, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade.** Porto, PT: Porto Editora, 2000.

\_\_\_\_\_, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MACEDO, L., PASSOS, N. C., PETTY, A. L. S. **Jogos e o Lúdico na Aprendizagem Escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MOYLES, J. R. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** Coleção docência em formação. São Paulo: Cortez, 2005.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia.** Ed. 24 Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

SANTIN, S. **Educação Física: Da alegria do lúdico à opressão de rendimento.** Porto Alegre: 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, G. P.; COSTA, K.; CAMPOS, N. R.; MONTIEL, J.; BARTHOLOMEU, M. D. **Par Educativo** – a manifestação do vínculo com a aprendizagem. *Vínculo – Revista do NESME*, 2016, v.13, n.1, pp.46-55.

SILVA, A. A.. **A importância do brincar na educação infantil.** São Paulo, PUC, 2007.

SMOLE, K. S; DINIZ, M. I.; CANDIDO, P. **Brincadeiras Infantis nas Aulas de Matemática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOARES, R. C. **Brincar livre e o brincar dirigido.** Bahia: Montessori e Família, 2012. Disponível em: <<http://montessoriefamilia.blogspot.com.br/2012/05/brincar-livre-e-o-brincar-dirigido.html>>. Acesso em: 01 set. 2018.

SOMMERHALDER, A.; ALVES, F. D. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender.** Curitiba, PR: CRV, 2011.

VELASCO, C. G. **Brincar, o despertar psicomotor.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VISCA J. **Técnicas proyectivas psicopedagógicas y pautas gráficas para su interpretación.** Buenos Aires: Visca & Visca Editores; 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WENNER, M. **Brincar é coisa séria: Mente e Cérebro,** São Paulo: Ediouro Dueto Editorial, 2011.

XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos: ciências humanas e sociais aplicadas: artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, tcc, projeto, slide.** Recife: Editora Rêspel, 2014.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – TCLE DOS PARTICIPANTES

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvida (o) por \_\_\_\_\_. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por \_\_\_\_\_, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº \_\_\_\_\_ ou e-mail \_\_\_\_\_.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais será compreender e analisar a concepção das professoras sobre o brincar livre das crianças na Educação Infantil e os objetivos específicos, investigar como as professoras planejam e desenvolvem as praticas relacionadas ao brincar no seu cotidiano, verificar como se da a orientação sobre a inserção de brincadeiras livres no planejamento das professoras e reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante nas projeções das crianças.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada, questionários e testes projetivos. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (s) orientador (es) / coordenador (es).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Cajazeiras, PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) entrevistado (a): \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a): \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) orientador (a): \_\_\_\_\_

APÊNDICE B – TCLE DOS PAIS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em permitir que \_\_\_\_\_ (NOME DA CRIANÇA), pelo/a qual sou responsável, participe na pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvida (o) por \_\_\_\_\_. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por \_\_\_\_\_, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº \_\_\_\_\_ ou e-mail \_\_\_\_\_.

Afirmo que permiti sua participação por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas será compreender e analisar a concepção das professoras sobre o brincar livre das crianças na Educação Infantil e os objetivos específicos, investigar como as professoras planejam e desenvolvem as praticas relacionadas ao brincar no seu cotidiano, verificar como se da a orientação sobre a inserção de brincadeiras livres no planejamento das professoras e reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante nas projeções das crianças.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por ele/ela oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

A colaboração dele/a se fará de forma anônima, por meio de teste projetivo – Par Educativo. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (s) orientador (es) / coordenador(es).

Fui ainda informado (a) de que a criança pode se retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para seu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Cajazeiras, PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do (a) do responsável pela criança: \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) orientador (a): \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C – TCLE DAS CRIANÇAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Crianças)

Junto aos meus colegas da Escola estou sendo convidado (a) por Geferson de Assis Gonçalves a participar da pesquisa “Brincadeira livre na educação infantil: o que pensam as professoras e as crianças de uma escola municipal da zona rural de cajazeiras/pb” que tem por objetivo geral compreender e analisar a concepção das professoras sobre o brincar livre das crianças na Educação Infantil, e como objetivos específicos: investigar como as professoras planejam e desenvolvem as praticas relacionadas ao brincar no seu cotidiano, verificar como se da à orientação sobre a inserção de brincadeiras livres no planejamento das professoras e reconhecer o brincar na relação aprendente/ensinante nas projeções das crianças. Sei que Geferson vai gravar nossas conversas e isso vai ajudá-lo a escrever seu Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, livros, artigos e a fazer apresentações sobre o que aprender aqui com a gente. Também sei que não sou obrigado (a) a participar desta pesquisa e, em qualquer momento posso deixar de participar se esse for o meu desejo. Quando concluir a pesquisa Geferson combinou que vai nos contar o que aprendeu aqui na nossa escola.

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Assinatura da orientadora \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_  
concordo em participar voluntariamente da pesquisa.

Cajazeiras, PB, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.



## APÊNDICE D – QUESTIONARIO A DIRETORA

**QUESTIONÁRIO OU ENTREVISTA**

(Aplicado à direção da escola)

1. Qual sua formação? Quanto tempo de formação? E há quanto tempo atua no cargo?
2. Quantas pessoas atuam na escola? Existe uma pessoa responsável exclusivamente pelo acompanhamento pedagógico?
3. A escola dispõe de projetos e programas institucionais? Quais?
4. Quais programas do governo federal chegaram ao seu município?
5. Quantos alunos são atendidos na instituição que são da zona rural?
6. Quantos professores que aqui trabalham são da zona rural?
7. Existe programa de formação continuada, especificamente para professores da zona rural? Explique
8. Em seu município, existem orientações municipais formalizadas para educação do campo? Se positivo, quais?
9. As crianças chegam à escola utilizando que transporte?
10. Quais as principais fontes de renda das famílias atendidas nesta instituição?
11. Existem crianças com necessidades especiais? Se positivo, quais?
12. Existe alguma especificidade no município que interfere no calendário escolar? Comente.
13. Quantidades de sala de aula? Séries/ano?
14. Quais os outros espaços que tem na escola? (sala de professores, pátio, direção, secretaria, biblioteca, banheiros, cozinha, lavanderia, dispensa, almoxarifado, portaria, sala de informática).
15. Como é a relação família e escola? (reuniões, festividades, o acesso da família ao ambiente escolar).
16. Quais os pontos positivos e negativos do atendimento às crianças na zona rural?

## APÊNDICE E – ENTREVISTA AS PROFESSORAS E A COORDENADORA

### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

(Aplicado às Professoras e a Coordenadora)

1. O que é brincar para você?
2. Você inclui no seu planejamento atividade que contemplem o brincar? Como?
3. Você utiliza alguma estratégia para oportunizar a brincadeira entre crianças? Se positivo, quais? Se negativo, por quê?
4. Você oportuniza um dia específico para o brincar? Qual? Por quê?
5. Você brinca com as crianças? Como? Quando? Por quê?
6. Para você, o que é a brincadeira livre na Educação Infantil?
7. Você acha que existe diferença entre a brincadeira livre e direcionada na Educação Infantil? Se positivo, quais? Se negativo, por quê?
8. Quais as contribuições da brincadeira livre na Educação Infantil?
9. Você percebe diferenças e/ou semelhanças entre o brincar livre na zona rural e zona urbana?
10. Você orienta as professoras a inserir as brincadeiras livres no planejamento? Se positivo, como? Se negativo, por quê?

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

1. Pseudônimo: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Sexo: \_\_\_\_\_
4. Estado civil: \_\_\_\_\_
5. Religião: \_\_\_\_\_
6. Vínculo Empregatício: Efetivo ( ) Contratado ( ) Outro ( ) \_\_\_\_\_
7. Formação: \_\_\_\_\_
8. Graduação: ( ) Sim ( ) Não. Qual? \_\_\_\_\_
9. Ano de conclusão? \_\_\_\_\_
10. Especialização: ( ) Sim ( ) Não. Qual? \_\_\_\_\_
11. Mestrado: ( ) Sim ( ) Não. Qual? \_\_\_\_\_
12. Doutorado: ( ) Sim ( ) Não. Qual? \_\_\_\_\_
13. Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_\_
14. Tempo de atuação nessa escola: \_\_\_\_\_
15. Tempo de atuação na Educação Infantil: \_\_\_\_\_
16. Periodicidade de participação em cursos de formação na Educação Infantil:  
\_\_\_\_\_
17. Qual sua renda salarial?  
 Menos de 1 salário mínimo  
 Entre 1 e 3 salários mínimos  
 Entre 4 e 6 salários mínimos  
 Mais de 7 salários mínimos.
18. Você tem outra renda salarial? Se sim, em que função?  
\_\_\_\_\_
19. Caso você não fosse professora qual a profissão que gostaria de exercer? Por quê?  
\_\_\_\_\_
20. Participa de algum movimento social vinculado à docência e/ou à gestão:  
 Sim  Não - Qual(is): \_\_\_\_\_

APÊNDICE G – TESTE DO PAR EDUCATIVO (TPE)

**Teste do Par Educativo (TPE)**

Desenho

Estímulo: “Desenhe uma pessoa ensinando e uma pessoa aprendendo”.

## APÊNDICE H – ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS NA ÍNTEGRA

### ENTREVISTAS COMPLETAS COM AS CRIANÇAS

Figura 01 – Ágata – 6 anos

PESQUISADOR: Quem é essa pessoa?

AGATA: A professora.

P: Qual professora?

A: A minha.

P: Você gosta dela?

A: Humhum!

P: Ela faz o que na sala?

A: Manda nós fazer tarefa só.

P: Ela deixa vocês brincarem?

A: “Bota” nós pra brincar com as bonecas e os “home” com as pecinhas.

P: Vocês dividem os brinquedos?

A: É, só os meninos “home”, os outros pega e fica chorando.

P: Mas você gosta de brincar mais com o quê?

A: Com as meninas.

P: Mas, quais os brinquedos?

A: Boneca só.

P: O que tu gosta de fazer mais na sala, brincar ou fazer tarefa?

A: Brincar e fazer tarefa.

P: Tu gostas de fazer que tipo de tarefa?

A: Desenhar a natureza.

P: E em casa tu brinca?

A: Brinco mais com meu “irmãozin”.

P: Tu brinca de que com ele?

A: De “carrin” e de bola, ele grita, “pain” pega ele e ele fica os gritos.

P: Tua mãe brinca contigo?

A: Hunrum.

P: Ela brinca de que?

A: De mamãe e filhinha, batendo em nós.

P: E aqui na escola a professora brinca contigo?

A: Só de boneca, senta mais nós.

P: E na hora do recreio vocês brincam?

A: Eu num brinco não, tenho medo de cair.

P: E fica fazendo o que na hora do recreio?

A: Fico dentro da sala.

P: E dentro da sala brinca?

A: Brinco de escorregar no chão.

Figura 2. ISIS, 5 anos

PESQUISADOR: No teu desenho, quem é a pessoa que ta ensinando?

ISIS: É você.

PESQUISADOR: Mas quem são essas pessoas que você desenhou?

ISIS: “Mainha”, eu e minha irmã.

PESQUISADOR: Me fala do teu desenho, o que eles estão fazendo?

ISIS: Aguardo as plantas.

PESQUISADOR: Eles gostam de aguardar as plantas?

ISIS: Sim.

PESQUISADOR: Quem é que gosta mais de aguardar as plantas?

ISIS: Minha mãe e minha irmã.

PESQUISADOR: Quem é você aí?

ISIS: Essa aqui [aponta para a do meio].

PESQUISADOR: Tua mãe gosta de fazer o quê?

ISIS: Lavar os “troços” e fazer comida e “barrer” a casa.

PESQUISADOR: Ela gosta de brincar de quê?[apontando para o desenho do meio]

ISIS: Eu?

PESQUISADOR: Sim.

ISIS: De fazer comidinha.

PESQUISADOR: Onde é que ela gosta de brincar?

ISIS: Na mesa.

PESQUISADOR: Em que mesa?

ISIS: No lado de fora.

PESQUISADOR: Na mesa de onde, da tua casa ou daqui?

ISIS: Lá de casa.

PESQUISADOR: Aí, brinca só na mesa?

ISIS: Nos cantos.

PESQUISADOR: Como é brincar nos cantos?

ISIS: Na casa da minha vó, na casa da minha “madinha” e na casa da minha outra “madinha”.

PESQUISADOR: E na escola tu brinca?

ISIS: Brinco com brinquedo.

PESQUISADOR: Brinca com brinquedo onde?

ISIS: Na sala.

PESQUISADOR: Onde mais você brinca na escola?

ISIS: Só na sala.

PESQUISADOR: E num brinca fora da sala não?

ISIS: Sim.

PESQUISADOR: Brinca onde?

ISIS: Na hora do recreio.

PESQUISADOR: E na hora do recreio tu gosta de brincar de quê?

ISIS: De pega-pega.

PESQUISADOR: Aí, tu gosta de brincar em qual lugar?

ISIS: Lá em cima [corredor da entrada da escola].  
 PESQUISADOR: E quando tu tá brincando de pega-pega, alguém pede pra parar?  
 ISIS: Não.  
 PESQUISADOR: O que você mais gosta de brincar na escola?  
 ISIS: Esconde-esconde.  
 PESQUISADOR: Você brinca com sua professora também?  
 ISIS: Sim.  
 PESQUISADOR: Ela brinca de quê?  
 ISIS: Contar letrinhas.  
 PESQUISADOR: E como é que conta letrinhas?  
 ISIS: ABC DEFG HIJKLMNOP... (Cantando)  
 PESQUISADOR: E ela brinca de que mais?  
 ISIS: Rezar  
 PESQUISADOR: Como é que brinca de rezar?  
 ISIS: Não é pra brincar não, é pra rezar.

Figura 03 – Raquel, 06 anos

PESQUISADOR: Quem é essa?  
 RAQUEL: Minha professora.  
 PESQUISADOR: E esse aqui?  
 RAQUEL: Gilvan  
 PESQUISADOR: É da tua sala?  
 RAQUEL: Ele tem o cabelão  
 PESQUISADOR: Tu gosta de aprender o que?  
 RAQUEL: Matemática  
 PESQUISADOR: A professora ensina o quê?  
 RAQUEL: Tem os joguinhos dos números certos.  
 PESQUISADOR: Você sabe contar os números?  
 RAQUEL:  $1+1=2$ ,  $2+2=4$ .  
 PESQUISADOR: E tu gosta de fazer mais o que na sala?  
 RAQUEL: Fazer tarefinha.  
 PESQUISADOR: Tarefinha de quê?  
 RAQUEL: As tarefinhas da sala.  
 PESQUISADOR: Tu gosta de ler?  
 RAQUEL: Gosto de ler o lobo mal  
 PESQUISADOR: E tu gosta de brincar?  
 RAQUEL: Eu gosto de brincar de amarelinha  
 PESQUISADOR: Em casa tu brinca de quê?  
 RAQUEL: De casinha  
 PESQUISADOR: Tu brinca com quem?  
 RAQUEL: Brinco sozinha  
 PESQUISADOR: Tu tem irmãozinhos?

RAQUEL: Não, tenho prima.

PESQUISADOR: Tu brinca com tua prima?

RAQUEL: Não, ela bagunça tudo.

Figura 04 – Marina, 05 anos

PESQUISADOR: Quem é essa pessoa?

MARINA: Papai [à esquerda]

PESQUISADOR: E essa outra?

MARINA: Mamãe [ao centro]

PESQUISADOR: E esse aqui?

MARINA: Sou eu. [à direita]

PESQUISADOR: Quem ta ensinando?

MARINA: Mamãe e papai.

PESQUISADOR: Estão ensinando o quê?

MARINA: Fazer o dever de casa

PESQUISADOR: Tu gosta de brincar na escola?

MARINA: De boneca

PESQUISADOR: E tu brinca como?

MARINA: De mamãe e filhinha

PESQUISADOR: E tu brinca com quem?

MARINA: Com as amigas, com Gilvan, com Maysa.

PESQUISADOR: E na hora do recreio tu brinca?

MARINA: Brinco de pega-pega, com Maysa e Gilvan.

PESQUISADOR: Vocês brincam por onde?

MARINA: Correndo por aí

PESQUISADOR: A professora brinca com vocês?

MARINA: Sim

PESQUISADOR: Na sala de aula vocês brigam pelos brinquedos?

MARINA: Eu divido os brinquedos.

PESQUISADOR: E quando tem briga o que acontece?

MARINA: A professora briga também.

PESQUISADOR: Tua mãe brinca contigo?

MARINA: Às vezes

PESQUISADOR: Tu tens irmãozinhos?

MARINA: Sim

PESQUISADOR: Eles brincam com você?

MARINA: Não eles só brigam.

Figura 05 – Joice, 05 anos

PESQUISADOR: Quem é essa pessoa?

JOICE: Minha mae [à direita]

PESQUISADOR: E quem é essa daqui?

JOICE: Eu [à esquerda]



PESQUISADOR: Quem ta ensinando?  
 JOICE: Mainha  
 PESQUISADOR: Tua mãe ta ensinando o quê?  
 JOICE: As atividades  
 PESQUISADOR: Tu gostas de brincar?  
 JOICE: De boneca  
 PESQUISADOR: Onde?  
 JOICE: Em casa e aqui [na escola]  
 PESQUISADOR: E na hora do recreio você gosta de fazer o quê?  
 JOICE: Ficar quieta... não gosto de correr não!  
 PESQUISADOR: Por quê?  
 JOICE: Porque eu não gosto  
 PESQUISADOR: E na sala tu brinca?  
 JOICE: Brinco  
 PESQUISADOR: De quê?  
 JOICE: Escorregar, pega-pega  
 PESQUISADOR: A professora brinca também?  
 JOICE: Ela conta história pra nós  
 PESQUISADOR: História de quê?  
 JOICE: Histórias  
 PESQUISADOR: Tu gosta das histórias da professora?  
 JOICE: Gosto  
 PESQUISADOR: Tu tens irmãozinhos?  
 JOICE: Tenho uma irmã  
 PESQUISADOR: Tu brinca com tua irmã?  
 JOICE: Eu brinco de boneca, mas ela não quer.  
 PESQUISADOR: Por quê?  
 JOICE: Porque ela não gosta  
 PESQUISADOR: Ela é mais velha que tu?  
 JOICE: Sim.

Figura 06 – Monica, 05 anos

PESQUISADOR: Quem é que esta ensinando?  
 MONICA: A professora Helena  
 P: E quem está aprendendo?  
 MONICA: Edilson  
 P: A professora está ensinando o quê?  
 MONICA: Ela gosta de ensinar ballet a Edilson  
 P: E Edilson gosta de aprender?  
 MONICA: Ele gosta, ele dá presente  
 P: Edilson gosta mais de quê?

MONICA: Gosta de ginástica e passear nos campos, brincar de trenzinho e de brinquedos.

P: E você brinca de quê?

MONICA: Brinco de boneca e carrinho com meus amigos.

P: E no recreio você brinca?

MONICA: Não

P: Por quê?

MONICA: Minha mãe não deixa, tem medo de eu me machucar.

Figura 07 – Pedro, 05 anos

PESQUISADOR: Quem está ensinando e quem está aprendendo?

PEDRO: Ele ta ensinando que não pode prender.

P: Está ensinando a quem?

PEDRO: A esse, porque se prender não solta mais e porque os filhos “fica” triste, minha mãe disse ta preso ai bichinho ai ele correu, meu pai quebra as coisas e quer matar meu tio.

P: Quando ele gosta de brincar?[aponta o desenho à direita]

PEDRO: Eu gosto de brincar de arma porque meu pai tem uma arma em casa. Quando eu crescer vou ser policial.

P: Por que você quer ser policial?

PEDRO: A policia foi lá em casa de manhã... Meu pai botou uma luz na minha cara... Você sabia que eu saí da barriga de minha mae?... Minha vó disse foi pra dentro daqueles matos... Eu fui na delegacia.

P: Você viu seu pai?

PEDRO: Sim

P: Você deu um abraço bem forte nele?

PEDRO: Sim.

Figura 08 – Valmir, 05 anos

PESQUISADOR: Como é o nome dessa pessoa que está ensinando?

VALMIR: E eu sei!!! é só um desenho!!!

P: Você gosta de desenho animado?

VALMIR: Sim

P: Pois é a mesma coisa, a gente precisa dar nomes a eles, entendeu?

VALMIR: Entendi

P: A gente pode chamar essa pessoa com que nome?

VALMIR: De Valmir

P: Certo. E Valmir está ensinando a essa pessoa e essa pessoa ta aprendendo?

VALMIR: É

P: E como é o nome dessa pessoa que está aprendendo?

VALMIR: Valmir também

P: O que é que Valmir ta ensinando a Valmir?

VALMIR: E eu sei!!!!, é so um desenho!!!!.

P: E Valmir gosta de brincar?

VALMIR: Sim

P: E Valmir gosta de brincar de quê na sala?

VALMIR: De vivo morto

P: E na hora do recreio Valmir gosta de brincar de quê?

VALMIR: De pega-pega.

Figura 09 – Jacinta, 05 anos

PESQUISADOR: Desenhe uma pessoa aprendendo

JACINTA: Eu vou desenhar você

PESQUISADOR: E essa daqui está ensinando ou aprendendo?

JACINTA: Tá ensinando

PESQUISADOR: Agora desenhe uma pessoa aprendendo

JACINTA: As letras?

PESQUISADOR: E cadê a pessoa?

JACINTA: É Gustavo

PESQUISADOR: O que é que ela ensina a Gustavo que ele gosta?

JACINTA: Gustavo não gosta de aprender... ele não fala... é meu primo

PESQUISADOR: E você gosta de aprender?

JACINTA: Gosto

PESQUISADOR: Tu gostas de aprender o quê?

JACINTA: Gosto de brincar de castelo

PESQUISADOR: E de que mais tu gostas de brincar?

JACINTA: De mamãe e filhinha com minha irmã

PESQUISADOR: Como é que brinca de mamãe e filhinha?

JACINTA: Brincando de mamãe e filhinha

PESQUISADOR: Me ensina, que eu não sei!

JACINTA: Eu boto ela no colo que ela é menorzinha que eu, ela é bem pequenininha.